



# Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul:

*estudos a partir da imprensa*

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**50**





# **Guerra do Paraguai no Rio Grande do Sul: estudos a partir da imprensa**



**- 50 -**



## **CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO**

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

# Guerra do Paraguai: estudos a partir da imprensa



Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2022

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves

**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil

**Diretor de Acervo:** Mauro Nicola Póvoas

**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres

**2º Secretário:** Ronaldo Oliveira Gerundo

**Tesoureiro:** Valdir Barroco

## **Ficha Técnica**

- Título: Guerra do Paraguai: estudos a partir da imprensa
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 50
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2022

ISBN – 978-65-89557-39-5

**CAPA:** *A Sentinel do Sul.* Porto Alegre, 13 out. 1867, p. 5.

## **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019) e à UNESP (2020). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de cento e noventa livros.



# SUMÁRIO

A esposa de meu inimigo também é minha adversária: imagens de Elisa Lynch nos periódicos caricatos da Corte e do Rio Grande do Sul.....	11
Um comandante brasileiro na Guerra do Paraguai: representações imagéticas de Caxias na imprensa ilustrada e humorística carioca e porto-alegrense.....	39
<i>Alvorada</i> : reivindicações dos militares através da imprensa no pós-Guerra do Paraguai.....	65
Um marinheiro gaúcho entre o martírio e a glória: Marcílio Dias a partir das revistas juvenis.....	81



# **A esposa de meu inimigo também é minha adversária: imagens de Elisa Lynch nos periódicos caricatos da Corte e do Rio Grande do Sul**

Em várias guerras internacionais houve a construção da imagem do inimigo a partir de uma determinada personificação, normalmente vinculada a um representante do país adversário. No caso da Guerra do Paraguai, tal perspectiva foi fortemente sustentada pelo Império Brasileiro que localizou em Francisco Solano Lopez, o Presidente paraguaio, a personalização do antagonista. A edificação de Lopez como a representação do rival ganhava ainda maior relevância a partir da busca do governo imperial em demarcar que o conflito bélico não seria contra o povo paraguaio, e sim contra o seu líder, normalmente alcunhado de tirano, déspota e/ou ditador. Nessa linha, o Império buscava legitimar suas razões no confronto a partir de uma suposta ação em prol da liberdade da população guarani em relação ao que considerava ao jugo de seu governante.

A imprensa brasileira contribuiria significativamente em tal processo, editando recorrentemente em suas páginas matérias depreciativas em relação ao chefe de Estado paraguaio. Desse modo, Solano Lopez transformava-se praticamente no inimigo

público número um dos jornais no Brasil. Nesse quadro, os periódicos humorístico-ilustrados voltados à caricatura foram bastante incisivos na reconstrução imagética do governante paraguaio, normalmente representado em posição de dificuldade, com posturas marcadas pela covardia e transmutado em diferentes seres, os quais em geral compreendiam uma carga simbólica e alegórica prenhe em aspectos negativos<sup>1</sup>.

Nas várias cenas, situações e circunstâncias, criadas a partir do imaginário do desenhista, nas quais a imprensa caricata colocou Francisco Solano Lopez, por vezes ele aparecia associado à figura de sua esposa, que normalmente surgia como uma extensão do marido e, por conseguinte, também se tornava alvo e era igualmente alocada como representação do inimigo. Nessa linha, Elisa Alicia Lynch<sup>2</sup> deixava de ser simplesmente a companheira de Lopez, passando a constituir igualmente a personificação do êmulo, que deveria, portanto, ser igualmente odiada pelos

---

<sup>1</sup> Tema abordado com profundidade em: SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel: a charge como arma na Guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

<sup>2</sup> A ação de Elisa Lynch no Paraguai constituiu o conteúdo de diversas publicações, realizadas a partir de diferentes enfoques. Dentre elas, podem ser citadas: BAPTISTA, Fernando. *Elysa Lynch: mulher do mundo e da guerra*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1986.; BLOMBERG, Hector Pedro. *La dama del Paraguay*. Buenos Aires: A. L. A., 1942.; BARRET, William E. *Uma amazona: biografia de Francisco Solano Lopez y Elisa Lynch*. Buenos Aires: Del Plata, 1940.; CHAVES, Maria Concepcion de. *Madame Lynch: evocacion*. Buenos Aires: Peuser, 1957.; e DECOUD, Hector Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Cervantes, 1939.

brasileiros, de modo que as folhas caricatas sempre que tiveram oportunidade atuaram no sentido de denegrir a imagem da primeira dama paraguaia.

Tais representações caricaturais de Madame Lynch ocorreram nas publicações caricatas da Corte e nas diversas províncias onde foi praticado esse gênero jornalístico, como foi o caso do Rio Grande do Sul, no processo de expansão que as folhas ilustradas tiveram, concentradas no Rio de Janeiro, mas também em meio a diversas cidades brasileiras<sup>3</sup>. Desse modo, as aparições de Elisa Lynch ocorreram em diversos semanários caricatos como a *Semana Ilustrada*, o *Paraguai Ilustrado*, *O Arlequim* e *A Vida Fluminense*, todos do Rio de Janeiro; e *A Sentinel do Sul*, editada na capital rio-grandense-dosul, Porto Alegre.

No âmbito da Corte, circularam: a *Semana Ilustrada* (1860 e 1876) voltada a publicar caricaturas, ilustrações, poesias, crônicas e contos, contando com alguns dos mais conhecidos escritores e jornalistas da época<sup>4</sup>; o *Paraguai Ilustrado* (1865) que se colocava em

<sup>3</sup> Observar: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012.; MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Ideias de Jeca Tatu*. 2.ed. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1920.; SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. 2.ed. São Paulo: Documentário, 1976

<sup>4</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 204-206.

franca oposição ao adversário, definindo-se como um riso de escárnio às “ridículas ações do generalito Lopez”, utilizando-se do ridículo como a sua arma<sup>5</sup>; *O Arlequim* (1867) que, de acordo com o seu título, pretendia agir como o farsante por excelência, buscando ser popular e sempre pronto para aprontar suas arlequinadas<sup>6</sup>; e *A Vida Fluminense* (1868-1874), continuação do anterior, que se apresentava como uma folha joco-séria voltada a publicar retratos, biografias, caricaturas, figurinos de modas, músicas, romances nacionais e estrangeiros, artigos humorísticos, crônicas e revistas<sup>7</sup>.

*O Paraguai Ilustrado* mostrou Elisa Lynch ao lado de Solano Lopez, presentes no teatro, buscando demonstrar a proximidade dos mesmos com o povo. A legenda, carregada de ironia, explicava: “Lopez sabendo que a sua queda é muito desejada e querendo dar ao público paraguaio um vivo testemunho de seu amor à liberdade, corre com a idolatrada esposa ao teatro, em trajes pouco decentes, mas que revelam a abnegação pelos hábitos da vida, principalmente quando se trata da felicidade do Paraguai”. A simbologia da morte, em referência ao sacrifício dos soldados guaranis, aparecia ao alto do camarote, ao passo que, abaixo, havia a inscrição “L II”, indicando o segundo Lopez no poder. Lynch aparecia portando um binóculo, para melhor apreciar o espetáculo e com um ar de certa alegria, supostamente acreditando na propalada popularidade do marido<sup>8</sup>.

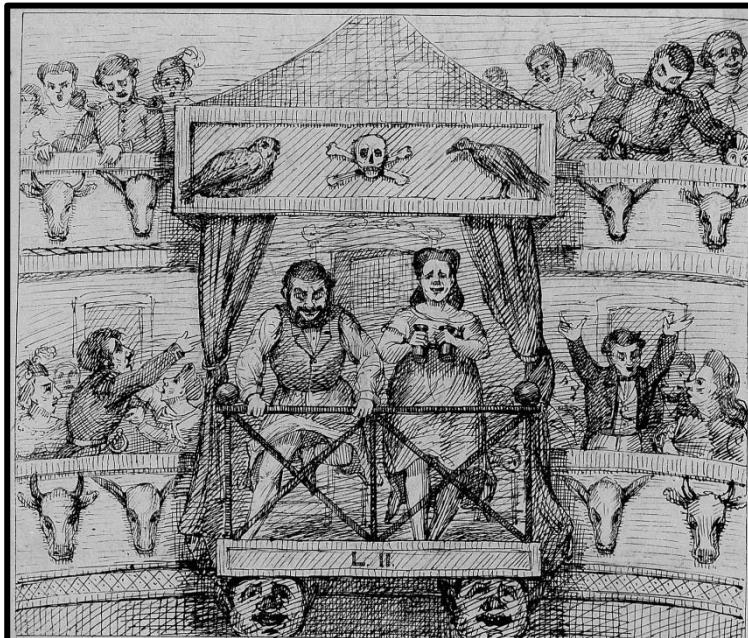
---

<sup>5</sup> O PARAGUAI ILUSTRADO. Rio de Janeiro, 6 ago. 1865.

<sup>6</sup> O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 5 maio 1867.

<sup>7</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 4 jan. 1868.

<sup>8</sup> PARAGUAI ILUSTRADO. Rio de Janeiro, 20 ago. 1865.



Em outra cena, denominada “Desânimo de Lopez”<sup>9</sup>, o Presidente paraguaio aparecia meditabundo, sentado em frente a um espelho. Ao canto do recinto mais uma vez se fazia presente o símbolo da morte. Madame Lynch surgia como um ar malévolos, tentando influenciar o marido, refletindo uma acusação das mais recorrentes dentre as apontadas pela imprensa brasileira. A gravura era acompanhada de um “Diálogo entre D. Solano e sua querida Miss”:

---

<sup>9</sup> PARAGUAI ILUSTRADO. Rio de Janeiro, 12 out. 1865.

- Solano eu não posso compreender o teu desânimo! Até aqui, ostentavas uma audácia sem exemplo, entretanto...
- ... já vou mostrando a minha fraqueza não é assim? Pois bem; verás o contrário do que julgas. A fera que ruge em seu covil, ainda tem bastante coragem para afrontar todos os perigos!
- Solano... ignoras que tens família; que possuis um povo que te idolatra, a ponto de sacrificar-se pelos teus dias e que tu como representante desses manequins, que se movem ao menor de teus acenos, deves pagar um dia com lágrimas de gratidão os sacrifícios gratuitos desses fanáticos?!...
- Senhora?! nada de choradeiras, não me esfrie a cena!
- Sim!... já não me ouves, não dás ouvidos à aquela que *tanto* se interessa pela tua causa... és bem ingrato!... - Essa última expressão de Miss operou em D. Solano uma reação extraordinária! De altivo, tornou-se manso como um cordeiro -
- Ah! Miss! desculpa os meus excessos, filhos de um exagerado patriotismo! Sabes que o ódio que me devora... principalmente depois dessa liga... pois até em sonhos vejo-me atormentado com esse terrível pesadelo; ora acho-me metido em uma enxovia, ora surrado em praça pública; enfim é uma variedade completa! Esquece todas as minhas ilusões de glória. Tenho feito ouvidos de mercador às tuas *sábias* profecias, porém agora é tarde! Aproveitemos em doce harmonia os poucos instantes desse turbilhão de meus estonteados intentos; breve respiraremos novos ares, novos climas! - Foi interrompido o diálogo com a chegada de um mensageiro, portador da triste nova - a derrota de seu exército em Yatay; -

a entrega de Estigarribia e seus 5.000 homens! É inútil descrever a surpresa do nosso herói! Perdeu por uma hora a fala, mas os desvelos de sua bela fizeram com que tornasse ao primitivo estado. Não se assustem caros leitores. Foi uma indisposição passageira, o doente está livre de perigo e, entretanto, todo o cuidado é pouco até a segunda *crise*. Em geral as recaídas são fatais.



Em outra ilustração, esta publicada na *Semanas Ilustradas*, Elisa Lynch surgia com uma aparência envelhecida, cometendo uma ação considerada como uma atitude pouco convencional e bastante criticável, ao buscar estimular o ânimo dos soldados paraguaios por meio da distribuição de bebida alcóolica. Os militares apareciam ajoelhados e de mãos postas, como se estivessem a implorar por uma dose de gim. A legenda

era: Miss Lynch transmitindo o seu *espírito* aos paraguaios antes do combate<sup>10</sup>.



As possíveis alianças entre os países sul-americanos diante da conflagração bélica eram o pano

---

<sup>10</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 20 maio 1866.

de fundo para outra presença da primeira dama paraguaia. Nessa linha, *O Arlequim* mostrava Lynch, como uma figura bastante enfeada, adentrando um edifício identificado com a Bolívia. Um detalhe relevante era que a mulher carregava seu marido a tiracolo, em uma trouxa amarrada ao braço, em alusão a uma das acusações realizadas pela imprensa brasileira, segundo a qual Solano Lopez era um joguete nas mãos de sua esposa. A legenda era breve: “Mme. Lynch indo visitar uma amiga.”<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 1º set. 1867.



Por diversas vezes a imprensa caricata brasileira mostrava a família de Lopez em fuga, em referência aos tantos deslocamentos que o governante teve de fazer diante dos avanços e recuos oriundos do quadro bélico. Nesse cenário, nas páginas da *Semana Ilustrada*, Lopez e

Lynch preparavam as malas, cujo conteúdo era o dinheiro retirado dos cofres nacionais, em alusão a uma suposta roubalheira praticada pelo casal. Eles estariam se “preparando para ver os restos da Exposição Universal de Paris”. A legenda era na forma de diálogo, no qual “Miss Lynch” dizia: “Anda depressa, Chiquinho!”; ao que o marido respondia: “Ingrata pátria, não comerás meus ossos! Isto é de Cipião! Ao menos saio literariamente”<sup>12</sup>.



Ainda na *Semana Ilustrada* mais uma vez Solano Lopez corria, carregando as riquezas públicas e levando à mão um cetro que o identificava com o bobo da corte. O Presidente guarani era acompanhado por Elisa Lynch, que cavalgava um clérigo e carregava seu filho às costas<sup>13</sup>. A caricatura era acompanhada por versinhos:

Cada qual leva o que pode:  
o bispo leva o cacete  
com que as ovelhas sacode,  
e o merecido barrete.

---

<sup>12</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 13 out. 1867.

<sup>13</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 5 abr. 1868.

A Lynch leva a criança,  
recordação do passado  
e do futuro esperança:  
um tiranete gorado.

O Lopez para a viagem  
leva do povo os tesouros,  
que defendeu com coragem...  
sempre longe dos pelouros.

O povo dócil e brando  
leva os ossos, coitadinho!  
que o Lopez de quando em quando  
há de roer no caminho.

Que trindade de chupeta!  
que horrível trio infernal!  
a Lynch e o bispo roupeta  
são dignos do marechal.

Pode Satanás levá-los  
e nunca restituí-los,  
pode entre chamas lançá-los  
e a cinzas reduzi-los.

Até mesmo o Paraguai,  
país até aqui servil,  
não dará somente um ai  
à imitação do Brasil.



As fugas de Lopez eram mais uma vez o tema em gravura publicada por *A Vida Fluminense*, na qual o líder paraguaio atravessava por um difícil caminho, equilibrando-se sobre um tronco de árvore que fazia o papel de ponte para transpassar uma cachoeira. Solano Lopez aparecia novamente carregando as riquezas do país e levava sobre os ombros Elisa Lynch, os filhos e os animais domésticos. O desenho era acompanhado pela inscrição: "Mudança de... trastes. Últimas notícias do Paraguai"<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 19 set. 1868.



A guerra, a destruição e a morte compunham o cenário construído pela *Semana Ilustrada*, mostrando a família Lopez em meio aos soldados. Enquanto Solano parecia estar em transe, em um misto de pasmo e espavorido, Lynch, com o filho ao colo, mantinha a feição malévola que o jornalismo brasileiro gostava de lhe atribuir. A caricatura denominava-se “Notícias do Paraguai” e a legenda trazia uma irônica e jocosa inspiração na religiosidade: “O padre (Lopez), o filho (Lynch) e o Espírito Santo... de orelha... três pessoas distintas e um só patife verdadeiro esperam junto às cordilheiras as tropas aliadas. Fogo neles!”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 21 mar. 1869.



A imagem de Lopez como uma figura temente era uma tônica da imprensa ilustrada carioca, como estampou a *Semana Ilustrada* em sua primeira página, sob o título “A campainha de Miss Lynch”, na qual a esposa aparecia com olhar severo repreendendo o marido<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 11 abr. 1869.



O Lopez fujão era mais uma vez representado por *A Vida Fluminense* que caricaturalmente divulgava a “atual posição do Lopez (segundo as últimas notícias da guerra)”. O governante, a esposa e o filho apareciam todos aterrorizados diante da aproximação das forças brasileiras, representadas por uma manopla empunhando uma espada, que partia dos céus e rompia o chão no caminho da família que buscava escapar<sup>17</sup>. O mesmo periódico ilustrado mostrava outra situação em que os Lopez, foragidos, intentavam esquivar-se e esconder-se dos brasileiros. Nesse caso, eles se encontravam sobre as árvores, Solano Lopez tentando galgar caminho, Elisa Lynch com dificuldades para equilibrar-se nos galhos e o filho deles agarrando-se em um fino caule. A gravura, alocada na primeira página, da folha caricata, tinha uma frase breve e carregada de sarcasmo: “O atual palácio del Supremo Lopez nas cordilheiras”<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 28 ago. 1869.

<sup>18</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 13 nov. 1869.



ANNO 2.

SABBADO 13 DE NOVEMBRO DE 1869.

N. 98

# VIDA FLUMINENSE

L'Officina Illustrata

ESCRITORIO  
RUA DO OUVIDOR  
52 - sobrado - 52

CORTE

Trimestre	55000	Semestre	115000
Semestre	108000	Anno	213000
Anno	203000	Avalso	130000

PROVINCIAS



A publicação que inaugurou as práticas do jornalismo ilustrado e caricato no Rio Grande do Sul foi editada em Porto Alegre e denominava-se *A Sentinela do Sul*, a qual se apresentava como jornal ilustrado, crítico e joco-sério. Tal periódico mantinha uma conduta editorial mais moderada em relação ao espírito fortemente acirrado de seus congêneres, sem deixar de lado o teor crítico em suas construções textuais e iconográficas. O semanário circulou de julho de 1867 até a virada de 1868 para 1869 e sustentou um padrão gráfico bastante aprimorado para as condições técnicas de então<sup>19</sup>.

A Guerra do Paraguai foi um das temáticas mais presentes nas páginas de *A Sentinela do Sul*, com aparições frequentes de Solano Lopez. Ainda que a presença da esposa do líder paraguaio não fosse tão recorrente quanto a dele, Elisa Lynch não deixou de figurar nas representações imagéticas do hebdomadário sulino. Em uma delas, Lynch surgia com destaque, ao empunhar um canhão e, no topo de uma fortaleza, bombardear ela mesma a esquadra brasileira. A intenção não era, entretanto, mostrar qualquer grandeza na esposa do Presidente e sim, denegrir a imagem deste, uma vez que Lopez aparecia em segundo plano, agachado e escondido à barra da saia da mulher. Nessa linha, a ideia do periódico era depreciar Lopez, mostrando-o como submisso e dependente em relação à sua cara-metade, o que era confirmado pela legenda: “La mejor bateria d’el mariscal”<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.

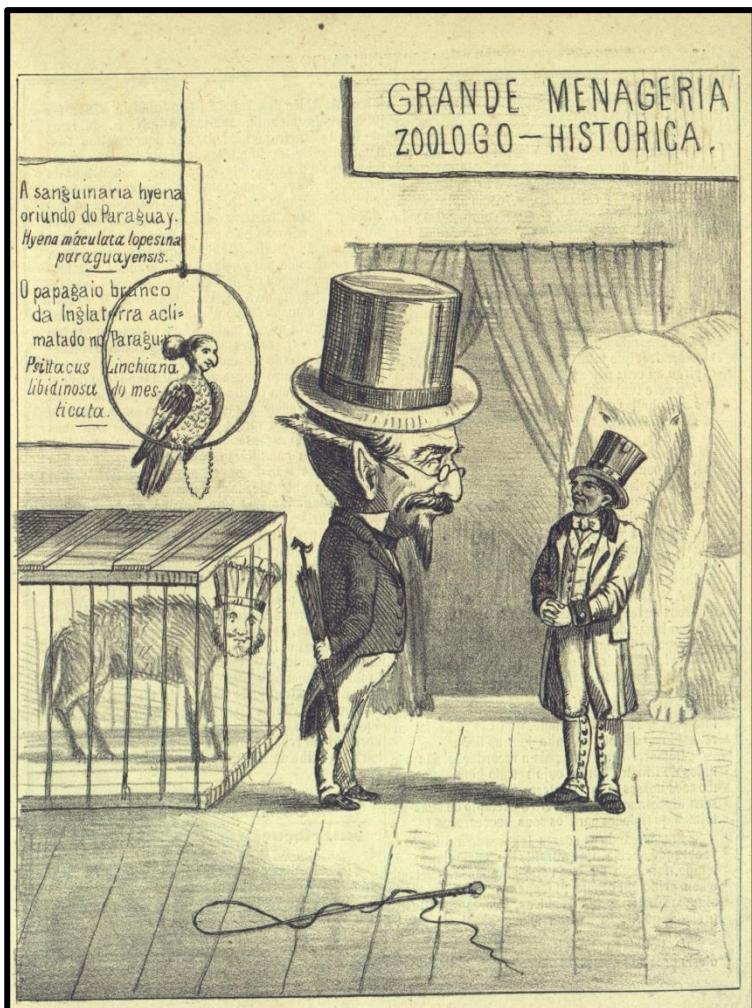
<sup>20</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 21 jul. 1867.



Em outra caricatura, *A Sentinel do Sul* realizava no campo do imaginário um dos grandes intentos que recorrentemente divulgava em suas páginas, ou seja, a prisão de Solano Lopez. Na gravura, identificada como “Grande menageria zoólogo-histórica”, os dois personagens centrais da revista ilustrada, o Redator e seu auxiliar, o Piá, visitavam a exposição. As figuras dos inimigos eram metamorfoseadas, aparecendo como um misto zoomórfico e antropomórfico. Lopez, encerrado em uma jaula, era transformado em uma hiena, em alusão a um animal necrófago, voraz e covarde, sendo apresentado no desenho como “a sanguinária hiena oriunda do Paraguai - *Hyena maculata lopesina paraguayensis*”. Já Elisa Lynch, transmutada em uma ave, aparecia em uma argola, acorrentada pela pata, com referência a pássaro falastrão e, na nomenclatura expressa textualmente, havia também insinuações quanto ao seu comportamento moral: “O papagaio branco da Inglaterra aclimatado no Paraguai - *Psittacus Linchiana libidinosa domesticata*”. Na legenda, o Piá dizia: “Que bonita menageria!”, ao que o Redator respondia: “A obtenção desses bichos custou caro ao Brasil, mas afinal temo-los seguros na gaiola”<sup>21</sup>.

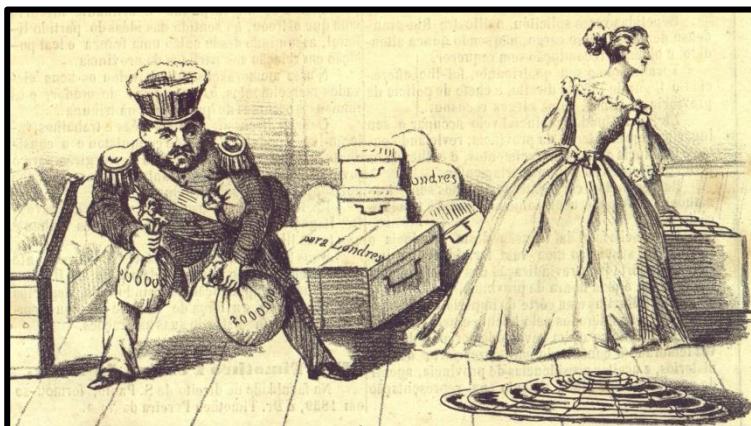
---

<sup>21</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 11 ago. 1867.



O tema da fuga dos Lopez também foi levantado por *A Sentinela do Sul*, que, sob o título de “Arranjos domésticos”, mostrava Solano Lopez preocupado em levar o dinheiro público, ao passo que Madame Lynch

preparava as malas para uma viagem a Londres<sup>22</sup>. Em outra cena de escapada publicada na primeira página, com o título “Fuga de Tebicuary”, Lopez, Lynch e um clérigo, montados em um cavalo, corriam apavorados, sendo perseguidos por um indígena. O índio, como inspiração do romantismo, tornou-se uma tradicional representação da nação brasileira, que perseguia os fugitivos no intento de prendê-los<sup>23</sup>. Já em um cenário rural, também em página de abertura, o periódico mostrava Solano Lopez, Elisa Lynch e o filho vivendo tranquilamente em um ambiente bucólico, dedicando-se à agricultura e à pecuária. Tratava-se do “novo quartel-general do Mariscal Lopez”, contando com a “doce e amena vida dos campos”, enquanto o povo continuava a morrer com a guerra<sup>24</sup>.



<sup>22</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 29 set. 1867.

<sup>23</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 19 abr. 1868.

<sup>24</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 7 jun. 1868.





Assim, Elisa Alicia Lynch tornou-se uma personagem bastante presente nas representações iconográficas entabuladas pelos periódicos humorístico-ilustrados editados na Corte e no Rio Grande do Sul. Apesar do protagonismo de Francisco Solano Lopez, ela também serviu como figura exponencial para a personificação do inimigo, revelando que havia a possibilidade do público leitor reconhecê-la em meio aos

desenhos apresentados pelas folhas caricatas. Por vezes, em uma posição passiva em relação ao marido, mas, em outras, exercendo influência sobre ele, ou ainda sobrepondo-se ao esposo, Lynch servia para dar uma face ao adversário, ou seja, propiciando um sentido mais definido de identificação. A ela foram imputados vários qualificativos negativos, com a clara intenção de demonstrar que, junto de Lopez, estariam mancomunados para levar em frente os projetos expansionistas paraguaios, bem como para esmagar o povo guarani a partir de um governo ditatorial e ainda se locupletar com a apropriação indébita das verbas públicas, bem de acordo com o discurso dominante em meio à imprensa brasileira e seu projeto de legitimar a ação do Império em torno da Guerra da Tríplice Aliança.

# **Um comandante brasileiro na Guerra do Paraguai: representações imagéticas de Caxias na imprensa ilustrada e humorística carioca e porto- alegrense**

Ao longo da Guerra do Paraguai, houve uma recorrente presença dos oficiais brasileiros nas páginas dos jornais e, no caso dos ilustrados, seus retratos foram divulgados em profusão. Tal protagonismo também se fez presente na imprensa ilustrada e humorística, na qual os oficiais ganharam relevância nas representações imagéticas, aparecendo por vezes em reproduções retratadas ou em construções de cunho caricatural. Um desses personagens foi Luís Alves de Lima e Silva, o então Marquês de Caxias (título depois elevado ao de Duque), que, como Marechal do Exército, foi nomeado Comandante-Chefe das forças brasileiras na Guerra da Tríplice Aliança.

Antes da Guerra do Paraguai, Caxias tinha uma carreira pregressa intensa em termos de ação militar. Ele participou dos conflitos que serviriam para consolidar a independência e depois compôs várias das forças que atuaram na debelação de algumas das revoltas provinciais. Também esteve à frente das tropas nas guerras em torno das questões platinas que o Império

sustentou contra Uruguai e Argentina. Assumiu ainda cargos político-administrativos como Presidente da Província em diferentes unidades do Império e Ministro de Estado, bem como desempenhou mandatos legislativos, como Deputado e Senador<sup>25</sup>.

Ao assumir o comando geral das tropas brasileiras no Paraguai, Caxias enfrentou um “momento difícil, pois o Exército aliado se encontrava desarticulado, sem ânimo”, e tinha de enfrentar “o clima de mal-estar” da oficialidade brasileira contra o comandante argentino Bartolomeu Mitre. Caxias ainda tinha outras atribuições, como a de “reorganizar o Exército brasileiro e por fim às disputas políticas entre seus chefes, de modo a criar condições para vencer o conflito”. Nesse sentido, ele “tornou mais eficientes as tropas brasileiras, fortaleceu a posição do Exército e ampliou sua autonomia em relação ao governo imperial”, promovendo uma maior “agilidade de ação”. Tal “autonomia permitiu ao Exército construir uma identidade própria, dissociando-a paulatinamente, após

---

<sup>25</sup> Alguns dados acerca da biografia de Caxias podem ser observados em referências bibliográficas, muitas de cunho laudatório, como: BERLINK, Eudoro. *Caxias: apontamentos para a História Militar do Duque de Caxias*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1934.; CAMPOS, Joaquim Pinto de. *Vida do grande cidadão brasileiro Luís Alves de Lima e Silva: Barão, Conde, Marquês e Duque de Caxias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939.; CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.; COSTA, Alfredo de Toledo. *O Duque de Caxias*. Porto Alegre: Globo, 1920.; MORAES, E. Vilhena de. *Duque de Ferro: aspectos da figura de Caxias*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.; e ORICO, Osvaldo. *O condestável do Império*. Porto Alegre: Globo, 1933.

a Guerra do Paraguai, do Estado monárquico". Apesar do papel inicial de Caxias no sentido de manter uma coexistência mais harmônica com Mitre, as rivalidades falaram mais alto, com latentes desconfianças quanto às intenções do Presidente argentino, que teria um "pensamento oculto e maléfico contra o Império", pretendendo o seu enfraquecimento bélico, tendo em vista as disputas pela hegemonia no contexto subcontinental. A partir de 1868, com o retorno de Mitre para Buenos Aires, Caxias assumiria o comandando das forças da Tríplice Aliança, em um momento no qual se encontrou "com recursos bélicos suficientes, livre de qualquer outra hierarquia superior a não ser o governo brasileiro", bem como "sofrendo a cobrança da opinião pública brasileira por ações bélicas que terminassem a guerra"<sup>26</sup>.

Tal ação de Caxias viria a ser estampada nas ilustrações da imprensa caricata da Corte, caso dos periódicos *Semana Ilustrada*, *O Arlequim* e *A Vida Fluminense*, e do Rio Grande do Sul, com *A Sentinela do Sul*, ao longo do período entre 1867 e 1868, anos em que os quatro jornais tiveram momentos de interseção em suas respectivas circulações<sup>27</sup>. Nessas representações iconográficas havia desde homenagens ao militar até críticas menos ou mais contundentes quanto aos movimentos bélicos brasileiros no teatro de operações,

---

<sup>26</sup> DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 278, 302 e 309.

<sup>27</sup> Algumas breves informações acerca de cada um desses periódicos podem ser observadas no capítulo anterior deste livro.

mormente aquelas que viessem a promover o tão ansiado encerramento do conflito. Ainda assim, em linhas gerais, era mantido um certo nível de respeitabilidade dessas folhas em relação à conduta do comandante.

No âmbito da imprensa caricata carioca, um dos aparecimentos de Caxias deu-se na *Semana Ilustrada*, em gravura carregada de certo tom patriótico, ao mostrar o comandante brasileiro indicando o caminho a um outro militar, apontando em direção à Humaitá, uma das difíceis e decisivas conquistas que as tropas brasileiras conseguiriam obter no Paraguai. A legenda complementava o teor geral da ilustração: “Deus, a pátria, o monarca, a nossa glória”<sup>28</sup>. Outro desenho, publicado por *O Arlequim*, traduzia caricaturalmente a disputa bélica como um jogo de cartas, assistido por duas figuras que representavam o humor, e que era disputado entre Caxias e o Presidente paraguaio Francisco Solano Lopez, enquanto o primeiro estaria a lutar em nome “da justiça e do direito”, o outro tinha por causas “a ignorância e o despotismo”. No lado brasileiro da cena, prevalecia a claridade de um sol nascente, ao passo que, do paraguaio, havia a escuridão do céu característico do mau tempo. A legenda era: “Uma bisca de embarque um tanto arriscado”<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 3 fev. 1867.

<sup>29</sup> O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 2 jun. 1867.





O olhar crítico da caricatura a respeito das influências políticas nos rumos da guerra era apresentado pela *Semana Ilustrada*, ao mostrar Caxias discutindo os planos de ação bélica com outro militar, ao passo que uma mulher responsável pela limpeza, em alusão ao povo brasileiro, olhava com desconfiança para a conversa que presenciava. A legenda era sucinta, mas cortante: “retórica parlamentar”<sup>30</sup>. A tão comentada lentidão das operações do teatro de guerra era representada pelo mesmo jornal, ao trazer Caxias com dificuldades de locomoção, estando preso pelas mãos de um membro do jornalismo, como definia a legenda: “O Diário do Rio de Janeiro fazendo prisioneiro de guerra o

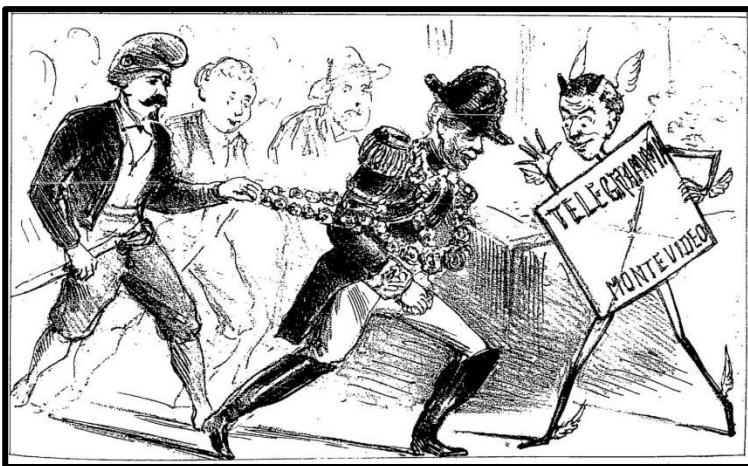
---

<sup>30</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 30 jun. 1867.

Exmo. Sr. Marquês de Caxias. Se não é *vero*, também não é bem *trovato...*"<sup>31</sup>.



<sup>31</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 28 jul. 1867.



Os obstáculos às forças brasileiras em relação às operações navais eram demonstrados por *O Arlequim*, ao apresentar Caxias portando um guarda-chuva e com dificuldades de colocar os pés na água, ao passo que Solano Lopez, parecendo mais adaptado, olhava de binóculos, com as botinas cobertas pela água. A legenda era na forma de diálogo, no qual Lopez dizia: “Então? Tem medo de molhar os pés, general?”; ao que Caxias respondia: “Deixa-te estar, malandro! Ri-te agora por causa da água, que breve chorarás por causa do fogo”<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 11 ago. 1867.



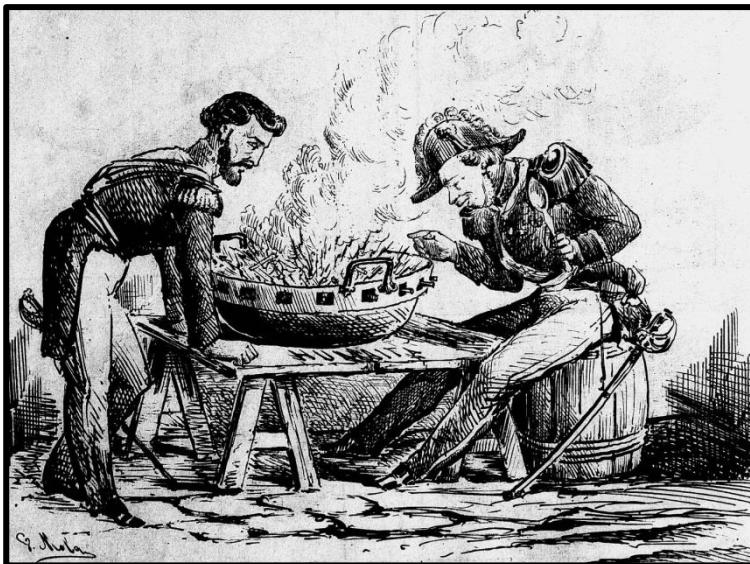
Os desentendimentos entre o comandante argentino e o brasileiro também foram representados pela caricatura expressa em *O Arlequim*, apresentando Caxias e Mitre diante de um caldeirão, o primeiro querendo avançar nas operações, ao passo que o outro pretendia manter uma postura procrastinadora. A legenda era novamente na forma de uma conversa, com a afirmação de Caxias: “Estou com um apetite devorador, amigo Mitre. Não percamos mais tempo. Toca a comer!”. Diante de tamanho entusiasmo, Mitre preferia postergar as ações: “Espera um pouco, Caxias! Não vês que a sopa ainda está muito quente?!”<sup>33</sup>. O mesmo periódico trazia a figura de Caxias com a indumentária típica gaúcha – referência ao tempo em

<sup>33</sup> O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 1º set. 1867.

que esteve servindo no Rio Grande do Sul - pronto para laçar Solano Lopez, que se encontrava em um cercado, com um formato misto, antropomórfico e zoomórfico, com cabeça humana e corpo de cavalo. A ação de Caxias era abruptamente interrompida pelo *gaucho* argentino Mitre, que segurava o movimento do comandante brasileiro. A ilustração intitulava-se “Estado atual da guerra no sul” e nela o militar argentino exclamava: “Espera, Caxias; não te aproximes; aquele cavalo é bravo!”. Diante disso o brasileiro replicava: “Deixa-me Mitre; ele poderá morder e dar algum coice, mas nem por isso deixarei de laçá-lo!”. Finalmente, vinha a tréplica de Mitre: “Não, senhor! Eu aqui é que mando, e não consinto que faças mal àquele bichinho...”<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> O ARLEQUIM. Rio de Janeiro, 20 out. 1867.

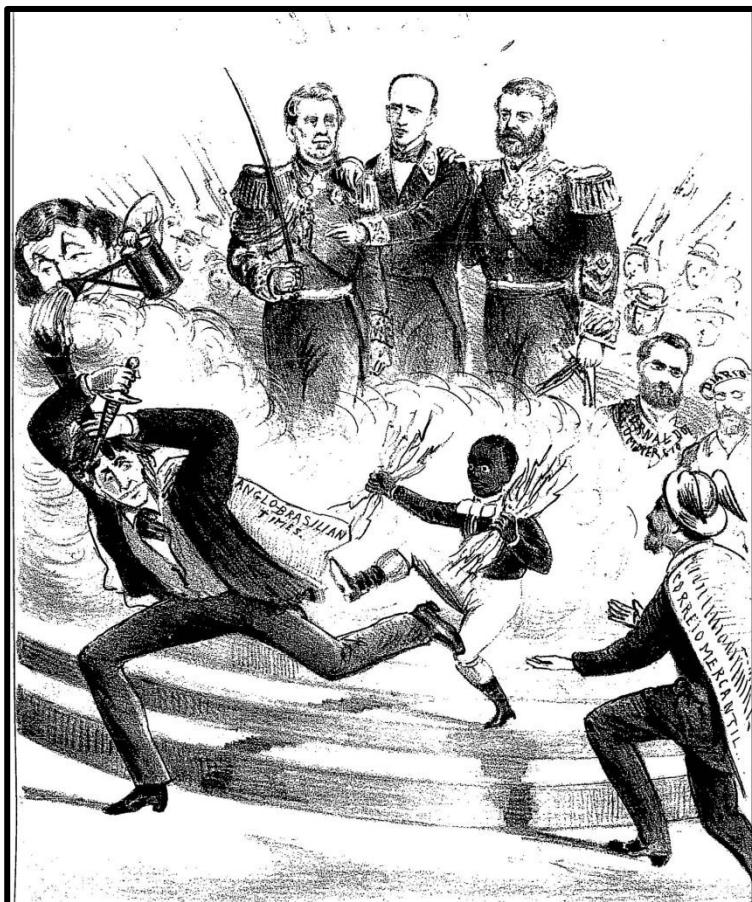


As modificações no cenário da guerra trouxeram novas esperanças e as ilustrações da *Semana Ilustrada* viriam a refletir tal processo. Em uma delas, Caxias, de espada em punho, acompanhado de um político civil e um outro militar - alocados a uma posição de heroicidade - assistiam a cena na qual um representante do jornalismo inglês era expulso por vários membros da imprensa brasileira. Com o título “Expulsão de um incendiário”, o periódico afirmava: “Some-te monstro da discórdia. Teu facho incendiário nunca produziu o malvado intento. Entre nós e os heróis da pátria reinou sempre a mais perfeita harmonia. Somos todos interessados na desafronta da honra nacional e no engrandecimento do Império”<sup>35</sup>. Em sentido próximo, a mesma revista trazia Caxias, ao lado do Visconde de Inhaúma, Joaquim José Inácio, um dos comandantes da Armada brasileira, que, sob o título “A glória”, recebiam coroas de louro, simbolizando os triunfos, de uma figura feminina alada, designando a vitória<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 8 mar. 1868.

<sup>36</sup> SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 15 mar. 1868.





Os novos encaminhamentos no conflito bélico, com o avanço inexorável dos aliados sobre o território paraguaio, restando apenas a derrubada definitiva de Francisco Solano Lopez trouxeram seus reflexos sobre as versões caricaturais dos jornais brasileiros. Foi o caso de *A Vida Fluminense*, que mostrava vários comandantes,

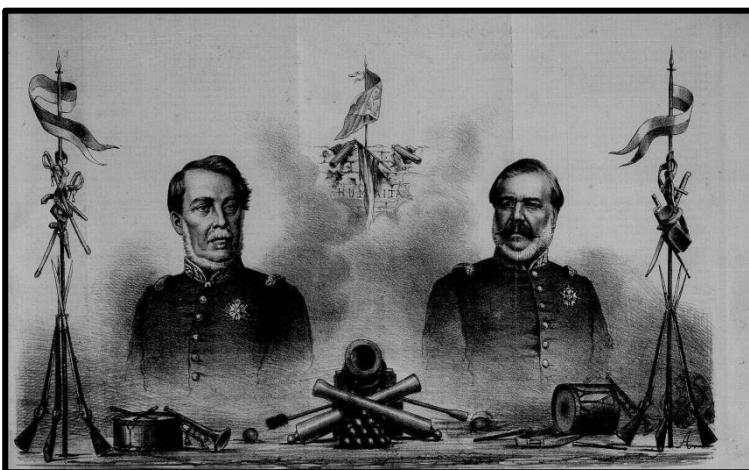
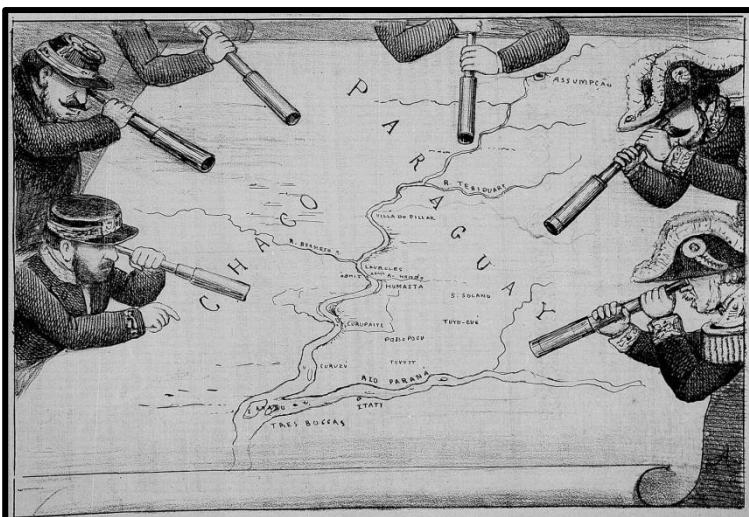
entre eles, em primeiro plano, Caxias, observando o mapa do Paraguai com uma luneta, com o objetivo de encontrar o líder guarani, como demarcava a legenda: “Onde estará Lopez?! Onde estará Lopez?!! Onde estará Lopez?!!!”<sup>37</sup>. Este periódico, em outra edição, trazia uma homenagem pelos avanços em relação à fortificação paraguaia de Humaitá, com a exaltação de Caxias, o do Visconde do Herval, o militar gaúcho Manuel Luís Osório, em um quadro adornado com armas e objetos utilizados pelas tropas. Ainda no mesmo número, a perseguição a Lopez continuava, personificada por Caxias que galgava uma árvore, com um machado à mão, quebrando vários galhos que representavam batalhas com vitórias brasileiras, ao passo que o Presidente paraguaio tentava equilibrar-se na parte mais alta da árvore<sup>38</sup>. Em outra ilustração, Caxias e Lopez encontravam-se metamorfoseados, em forma antropomórfica e zoomórfica, o primeiro como uma aranha que caçava a sua presa, e o segundo como um mosquito, ou seja, aquele que era caçado. A legenda era: “À força de paciência e perseverança, consegue sempre a aranha prender em sua teia o desvairado mosquito”<sup>39</sup>.

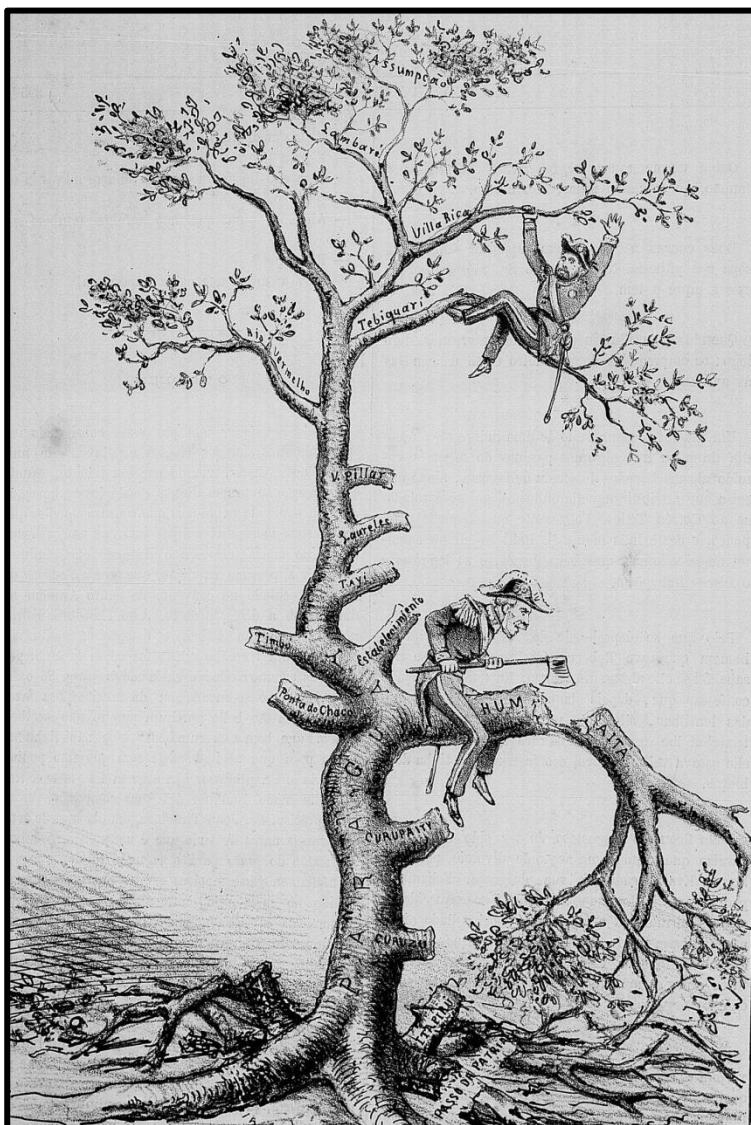
---

<sup>37</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 11 abr. 1868.

<sup>38</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 15 ago. 1868.

<sup>39</sup> A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 26 set. 1868.







No caso de *A Sentinel do Sul*, as representações de Caxias foram ainda mais honoríficas e respeitosas. Tal comportamento advinha da própria postura do periódico, mais moderado, e mesmo por causa do papel histórico que o comandante militar tivera em relação ao Rio Grande do Sul, com uma ação decisiva no processo de pacificação ao final da Revolução Farroupilha, o mais grave conflito provincial ocorrido na formação histórica brasileira, chegando a ocupação do cargo executivo máximo da unidade imperial, desempenhando o papel de Presidente da Província.

Nessa linha, Caxias foi um dos tantos militares destacados pelo jornal caricato porto-alegrense, publicando o retrato e uma breve biografia do personagem. Desse modo, o periódico oferecia aos seus “leitores, o busto do veterano Marquês de Caxias”, o qual era caracterizado como “o primeiro soldado do

Brasil”, pois “nele se acham personificadas as tradições de heroísmo e glória do Exército brasileiro nos longos anos decorridos desde a nossa emancipação política”, uma vez que, “soldado da independência, Caxias partilhou de todas as guerras e de todas as glórias brasileiras”<sup>40</sup>. Em outra edição, a folha manteve o preito de honra ao comandante, estampando o seu retrato de corpo inteiro<sup>41</sup>.



<sup>40</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 4 ago. 1867.

<sup>41</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 26 abr. 1868.



*Marquess of Caxias*

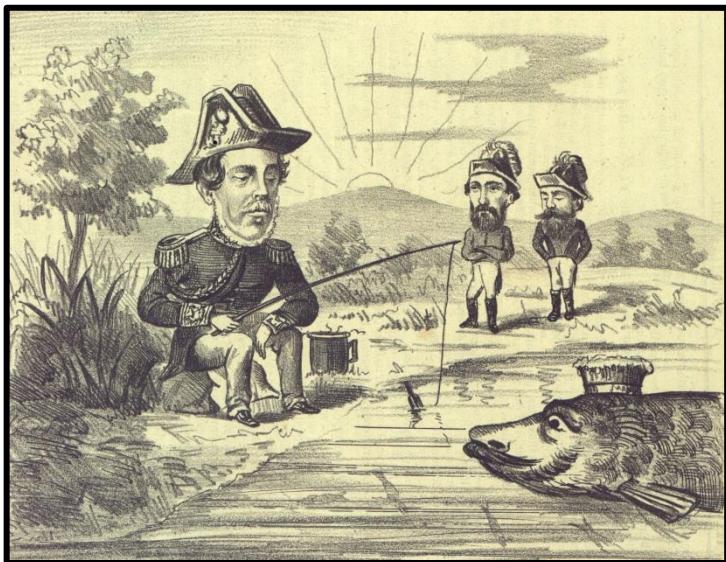
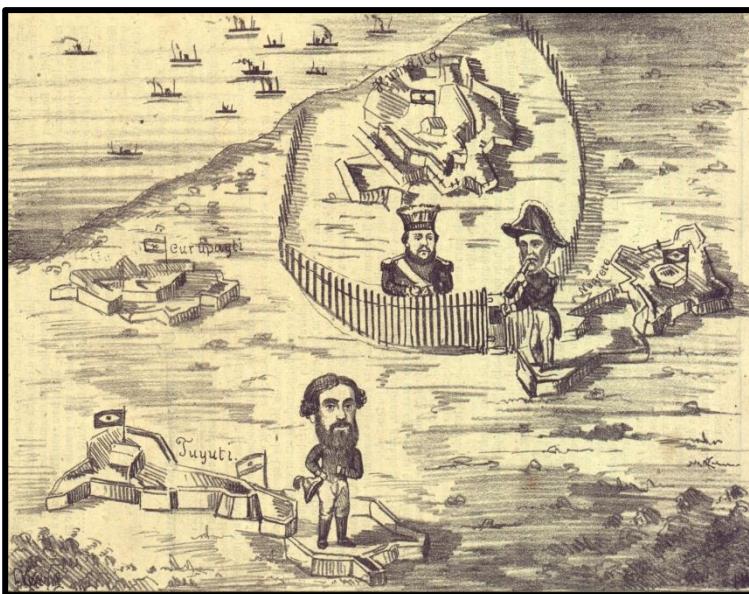
As contradições entre os interesses dos aliados também vieram à tona nas representações de *A Sentinel do Sul*, como ao mostrar várias das fortificações do teatro de operações. Em uma delas, Francisco Solano Lopez aparecia tranquilo, protegido por um cercado, enquanto

Caxias, bem próximo, era apresentado como em prontidão para atacar, ao passo que o argentino Mitre mantinha-se à distância, como que indiferente ao combate. A legenda corresponderia a uma fala de Caxias que, entre irônico e desafiador, estaria a dizer: “Se V. Ex., satisfazendo os desejos dos exércitos aliados, quiser decidir-se a vir honrar este campo com a sua presença, o poderá fazer com a maior segurança”<sup>42</sup>. Em outra caricatura, identificada como “A pesca milagrosa”, Caxias mostrava-se paciencioso, mas atento, pronto para capturar um animal difícil de ser apanhado, no caso, um Lopez metamorfoseado em peixe. Enquanto isso, os demais comandantes aliados, Mitre e Venâncio Flores, ficavam ao largo, como que impassíveis, o primeiro de braços cruzados e o outro de mãos no bolso<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 25 ago. 1867.

<sup>43</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 13 out. 1867.



A *Sentinela do Sul*, como publicação riograndense-do-sul e, portanto, com profundo conhecimento da conjuntura platina, apresentava-se characteristicamente como desconfiada dos aliados do Brasil na Tríplice Aliança. Isso se refletia inclusive no momento em que a folha analisava a intrincada situação interna da Argentina, com as divisões e rivalidades regionais. Foi nesse sentido, que o periódico, inspirado na antiguidade clássica, apresentou as figuras de Caxias e Solano Lopez, de espada à mão, como se fossem dois gladiadores, a saudar o comandante argentino Urquiza, governante de uma região do país vizinho em que havia instabilidade quanto ao devido lugar que a Argentina deveria tomar na guerra. Desse modo, ambos estariam a disputar o apoio daquele líder, como confirmava a legenda: “Ave Urquiza, *morituri te salutant*”. Segundo o jornal, na gravura, Urquiza fazia “o papel dos imperadores romanos, que presenciavam para o seu recreio as sangrentas lutas do circo”, sendo saudado pelos atletas com a frase: “Aqueles que vão aniquilar-se te saúdam”. A folha completava tal perspectiva, ao afirmar que ali estava “Urquiza contemplando a luta, gostando dela e fazendo os seus planos para o futuro”, pois seria ele “o único que tira real proveito de todas essa triste guerra, que diariamente impõe novos sacrifícios aos beligerantes, e sobretudo ao Brasil”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> A SENTINELA DO SUL. Porto Alegre, 1º dez. 1867.



Desse modo, a presença de Caxias nas páginas da imprensa caricata carioca e porto-alegrense, nos anos de 1867 e 1868 foi bastante recorrente. Como comandante das tropas imperiais e, depois, das aliadas, o marechal brasileiro transformou-se em verdadeira representação das forças nacionais na campanha do Paraguai. Para as folhas caricatas demonstrar as ações do teatro de operações não constituía tarefas das mais fáceis, restringindo-se, normalmente, à apresentação de mapas, planos, plantas ou uma ou outra cena de batalha, mas não havia como designar os enormes contingentes em combate. Daí a necessidade de personalizar o Exército brasileiro em um único personagem, que contasse com o entendimento do público leitor, quanto àquilo que ele designava, surgindo assim a figura de Caxias,

reconhecido pela sua longa carreira militar e por sua ação como homem público, passando incorporar em si mesmo a identidade da força que liderava.

Ainda que tivessem seu norte editorial calcado na crítica, no humor e na ironia, as publicações caricatas do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul foram bastante condescendentes para com Caxias, amenizando o enfoque a ele destinado. Nesse sentido, nas aparições do comandante brasileiro, o olhar crítico normalmente não lhe atingia diretamente ou era desviado para outros focos, principalmente os aliados e, também a personalização dos mesmos, o argentino Mitre, visto como o real fator que levava à inação e ao prolongamento da guerra. Além disso, houve várias homenagens que as folhas ilustradas e humorísticas prestaram a Caxias, tratando de glorificar e heroicizar suas atitudes, notadamente a partir dos avanços bélicos de 1868. Esse tratamento empreendido pelas publicações caricatas vinha ao encontro do esforço concentrado que também realizavam em favor da causa imperial contra o inimigo externo em comum e contribuíram decisivamente para a valorização dos militares brasileiros que lutaram na Guerra do Paraguai. Dentro eles esteve o próprio Caxias, cuja ação considerada heroica ganharia as décadas seguintes, vindo a se consolidar em verdadeira mitificação em torno do personagem que, além de ser guindado à posição de “herói nacional”, seria escolhido como o Patrono do Exército Brasileiro. O velho comandante Luís Alves de Lima e Silva partiria dos atos reais da guerra para as cenas e os retratos apresentados pelos periódicos caricatos que também teriam sua parcela de contribuição na edificação de uma persona heroica para Caxias.



## ***Alvorada: reivindicações dos militares através da imprensa no pós-Guerra do Paraguai***

Após o encerramento da Guerra da Tríplice Aliança, o Brasil passaria por um processo de significativas mudanças, ocorrendo a partir de então decisivos passos em direção ao enfraquecimento e à derrocada da forma monárquica de governo. Nesse contexto de transformações, uma das mais fundamentais relacionou-se ao novo papel que os militares, recém-egressos da guerra, passariam a desempenhar no cenário nacional, mormente no que tange à manutenção das instituições. Nessa linha, os oficiais emergiam “da Guerra do Paraguai com um sentimento de unidade corporativa, um novo sentido de sua importância, uma amargura para com os civis e, talvez, com uma visão do mundo mais ampla”<sup>45</sup>. Além disso, a vitória sobre os guaranis trazia em si um valor simbólico para o Exército que, no enfrentamento bélico, tem “a sua realização, constrói sua unidade, toma consciência da sua força,

---

<sup>45</sup> SCHULZ, John. O Exército e o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil Monárquico – declínio e queda do Império*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1974, v. 6, p. 252.

encontra seus heróis, apresenta seus líderes a partir da vitória sobre o inimigo”<sup>46</sup>.

Nesse sentido, daquela força militar organizada às pressas sob a contingência de uma guerra que deveria ser de mais fácil solução, mas que se prolongou por meia década, emergia um Exército melhor estruturado internamente e com um espírito de corpo até então não experimentado. Desse modo, o “Exército que surge da Guerra com o Paraguai é força nova na vida do país”, e “não será relegado mais a segundo plano, não se conformará com isso, não se conformará com um papel subalterno na vida nacional”<sup>47</sup>. A partir de então, setores dentre os militares passaram a manifestar um certo espírito de contestação acerca da situação vigente, questionando a importância que lhe era atribuída até aquele momento e o lugar social ocupado pela categoria, exigindo certas reformas em prol da força armada e de seus membros.

No Rio Grande do Sul dessa época, tais contestações manifestaram-se por meio da *Alvorada*, um jornal que se auto-intitulava como “órgão consagrado aos interesses dos militares” e que traduzia aquela nova mentalidade e diferentes anseios castrenses. O periódico circulou no ano de 1879, na cidade do Rio Grande<sup>48</sup> e era dirigido por Julião M. Tavares. Anunciava como seus colaboradores Santiago Dantas, Carlos Eugênio, Torres

---

<sup>46</sup> SILVA, Hélio. *O poder militar*. Porto Alegre: L&PM, 1984. p. 252.

<sup>47</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História militar do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 141.

<sup>48</sup> BARRETO, Abeillard. A imprensa do Rio Grande no tempo do Império. *Rio Grande*. Rio Grande, 27 jun. 1935. p. 5.

Homem, Abreu e Lima, Xavier da Câmara, Ferreira Campelo, Artur Oscar, Maciel da Costa, Peixoto de Alencar, J. de Vasconcelos e Franco Bueno. O escritório da redação funcionava na Rua General Neto, no centro citadino e sua impressão se dava na Tipografia do *Comercial*, outro jornal da urbe sul-rio-grandense. As condições para a assinatura eram: para a própria cidade do Rio Grande - 2\$000 (mês), 4\$000 (semestre) e 7\$000 (ano); e para o interior e províncias - 5\$000 (semestre) e 9\$000 (ano)<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> ALVORADA. Rio Grande, 1º mar. 1879. Este é o único exemplar encontrado nos acervos da Biblioteca Rio-Grandense e da Biblioteca Nacional. Todas as citações se referem a tal volume.

ANNO II

RIO GRANDE.—1. DE MARÇO DE 1879

NUM. 5

# ALVORADA

ORGÃO CONSAGRADO AOS INTERESSES MILITARES  
SOB A DIREÇÃO DE JULIÃO M. TAVARES

## COLLABORADORES :

Santiago Dantas — Carlos Eugenio — Torres Homem — Abreu e Lima — Xavier da Câmara — Ferreira Campanha — Arthur Oscar — Marciel da Costa — Peixoto de Alencar — J. de Vasconcelos — Franco Bueno.

## ALVORADA

## Causas do desprestígio da instituição militar no Brasil

## II.

Já muitos annos decorrerão, depois que nos inhospitos campos do Paraguai centenas de mil brasileiros fortíssimos com suas ossadas o solo d'aquele paiz, arrachados ás suas famílias e à pátria, perecerão, que colherão nos leitos dos hospitais ou nos campos de cruentas pugnas.

Lição fatal, mas atilhão perdida....

Um dia o tyranno do Paraguai, Francisco Solano Lopes, olhando para as numerosas hostes do seu exercito, tendo á sua destra uma d'essas figuras pallidas e impassíveis como d'uma estatua, um d'esses phantasmas que redireviam das cinzas losango das fôrmas, membro do Instituto dos Jesuítas; olhando também o tyranno para a natureza do paiz que governava, achou a occasião bella de invadir um paiz limítrofe.

Açoitado pelo guante do tyranno do Paraguai, conhecera o Brazil que era provocado para uma guerra, para a qual não estava preparado.

A par de um diminutissimo numero de tropas disciplinadas, corriéram legiões de voluntários impelidos pelo patriotismo. Mas esses gentes, que o desespero e a Patria em perigo tão sólido, aliviaram de filhos, do novo exercito, tão expressivo o numero das vidas sacrificadas é inicia, e é inicia das governos do nosso paiz. Tirados do seio das suas famílias e d'uma vida toda pacifica, consagrada ao trabalho ou ao commercio, os nossos voluntários sofrerão a penuria e as privações das

marchas forçadas, dos hospitais e de tantas fadigas!

Rezão as estatísticas que duzentos mil brasíleiros dormirão o sonno eterno nos campos do Paraguai. E segundo os heróes d'essa campanha, a estatística encobre metade da verdade.

O Brazil venceu, é certo, mas esgotou seus ultimos recursos; e é manecia de Pyrrhus que se vio obrigado á abandonar a Italia depois d'uma victoria sobre os Romanos, ou como os Hollandezes depois da batalha de Malplaquet que ganharam sobre os Franzezes, poderíamos ter repetido: «Ainda uma victoria como esta, e estaremos perdidos!»

Restahelécida a paz, somirão-se as recordações de glória, como nuvens espalhadas pelos ventos da indiferença. Por entre as sombras, vagueiarão os restos dos heróes de tantas jornadas; abatidos no pezo de imensas fadigas e alquebrados, ainda moços, pelos sentimentos das enfermidades e pezanas, não são, na verdade, senão restos d'aquellos que tudo sacrificaram á Patria: a mocidade, as suas esperanças e a sua saúde!

Mas tantos horrores, o grande numero de brasileiros sacrificados á suada da guerra, o luto das famílias d'esses guerreiros, o que aproveitarão aos nossos governadores e legisladores?

Foi augmentado o nosso exercito para impêr receio nos países vizinhos?

Forão guarnecidas as nossas fronteiras com um numero suficiente de tropas para se oporem á uma invasão de surpresa como a que fizéram em 1865 os Paraguayos na província do Rio Grande do Sul?

Lição fatal! lição perdida!

Afigurou-se, aos nossos legisladores, virentes os louros colhidos pelos nossos guerreiros no Paraguai.

Imaginado estar o Brazil isolado num con-

Dedicada exclusivamente a assuntos de interesse dos militares a *Alvorada* – cujo título inspirava-se na linguagem castrense, referindo-se ao primeiro toque militar pela manhã – publicava exclusivamente matérias concernentes ao meio militar, revelando assim a maior parte de seu público alvo. Com um estilo editorial diferenciado com relação à significativa parte dos periódicos de então, a folha rio-grandina dedicou praticamente a metade de suas páginas para a publicação de um único artigo, intitulado “Causas do desprestígio da instituição militar no Brasil”, a qual era identificada com o número “II”, em sinal que se tratava de uma continuação de edição anterior. As outras duas matérias, embora menores, também ocupavam espaço considerável da edição e denominavam-se “Ainda a questão de empregos militares” e “Ainda o imposto sobre os empregados públicos”. Também aparecia, com menor extensão, a coluna “Estudos militares – a vitória: combatentes – qualidade quanto ao moral”.

Na matéria “Causas do desprestígio da instituição militar no Brasil”, o órgão dos interesses militares discutia a situação vivida por estes após o término da Guerra da Tríplice Aliança, trazendo críticas com relação aos governantes e sugestões para a solução de algumas das dificuldades que lhes afigiam. O periódico procurava destacar o significado da Guerra contra o Paraguai, como forma de aprendizado para as autoridades governamentais, de modo que não abandonassem as forças militares, como teriam feito antes e durante boa parte do conflito, sob o risco de verem-se novamente envolvidas nas mesmas dificuldades oriundas das grandes perdas humanas e materiais. Porém, o jornal demonstrava certa

desesperança na assimilação daqueles propalados exemplos, insistindo, ao longo do texto, na expressão de que se tratara de uma “lição fatal”, mas também uma “lição perdida”.

Nesse sentido, os militares opinavam a respeito do despreparo brasileiro para a guerra:

Já muitos anos decorreram depois que nos inóspitos campos do Paraguai centenas de mil brasileiros fertilizaram com suas ossadas o solo daquele país, arrebatados às suas famílias e à pátria pela morte (...). A par de um diminuto número de tropas disciplinadas, correram legiões de voluntários impelidos pelo patriotismo. Mas essas gentes, que o desespero da pátria em perigo somente aliciava às fileiras do nosso Exército, iam engrossar o número das vítimas sacrificadas à inépcia e à inércia dos governos do nosso país. Tirados do seio das suas famílias e de uma vida toda pacífica, consagrada ao trabalho ou ao comércio, os nossos voluntários sofreram a penúria e as privações das marchas forçadas, dos hospitais e de tantas fadigas! (...) O Brasil venceu, é certo, mas esgotou seus últimos recursos.

As principais críticas dos militares ao *status quo* de então estiveram relacionadas com os políticos civis, ou seja, estes eram os acusados de não terem apreendido a “lição” da guerra, persistindo em suas atitudes “prejudiciais” ao país. Essa insatisfação dos militares com o setor político civil remontava a origens históricas, as quais engendraram um processo que “dava aos militares a condição de constituir-se em contra-elites”, exatamente pelo “fato de pertencerem a uma corporação

que lhes proporcionava os recursos de poder necessários para uma ação política eficaz”<sup>50</sup>. Nessa linha, “a Guerra do Paraguai teve o efeito de acentuar o orgulho de classe dos oficiais do Exército”, o qual se fez “sentir em suas relações com a paisanada e na altanaria com que frequentemente se comportavam diante das autoridades”<sup>51</sup>.

De acordo com essa visão de mundo, a categoria militar passava a ver no segmento civil a prática de uma politiquice maléfica aos destinos do país, observando em si próprios algumas das possíveis soluções para tais malefícios. Esse espírito de corpo formado entre os militares refletia a conjuntura pela qual a campanha no Paraguai provocara “um sentimento mais estreito entre os combatentes”, já que seria natural que, diante dos “infortúnios, os laços se tenham acerado de forma a criar-se maior rigidez na corporação”. Nessa linha, “a unidade que se formara nos campos de batalha” iria manter-se “após o retorno aos quartéis”, em um quadro pelo qual os militares estariam a regressar “como credores e cercados do respeito da nação”. Desse modo, eles, “moralmente, sentiam-se capazes de indagar sobre os diferentes problemas”, pois a guerra seria “uma resultante de todos eles”. Em clara alusão aos políticos civis, os militares consideravam que a guerra não era

<sup>50</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. p. 152.

<sup>51</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. Do Império à República. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira: o Brasil Monárquico – do Império à República*. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1977, v. 7, p. 322.

“uma sala de conferências, mas um campo de sacrifício”, bem como a farda não consistiria uma “casaca de recepções”, e sim, “a pele do soldado”. Em tal contexto, “a ética absoluta do militar” era confrontada “com a ética relativa do político”, já que “os casacas não passaram pelo sacrifício da luta” e, pelo contrário, tinham permanecido “no congresso e nas ruas a criticar a tropa e seus comandantes, opinando, com irreverência sobre manobras e movimentos”<sup>52</sup>.

De acordo com a *Alvorada*, com a paz, “sumiram-se as recordações de glória” e prevaleceram os “ventos da indiferença”, por parte das autoridades, tendo em vista que, “por entre as sombras, vagueavam os restos dos heróis de tantas jornadas”. Diante disso, o periódico questionava: “o que aproveitaram os governadores e legisladores?”, vindo a responder ele próprio que em nada fora aproveitada a lição, pois, ao invés de melhor guarnecer as fronteiras e aumentar os quadros militares, o governo havia reduzido esse contingente. A publicação castrense também rebatia as falas que defendiam que, em tempo de paz, o Exército não seria tão necessário, destacando o papel do mesmo na manutenção da estabilidade interna. Para corroborar tal tese, a folha citava os casos pelos quais, desde a década de 1830, o Exército vinha constituindo fator fundamental para aplacar as rebeliões provinciais. Em relação a tal aspecto, o jornal inquiria aos governantes: “Suprimi o Exército e rebenta uma revolução em uma ou mais das nossas provincias. O que fareis?”. Como argumento para seu ponto de vista, o próprio periódico respondia com outra

---

<sup>52</sup> MERCADANTE, Paulo. *Militares & civis: a ética e o compromisso*. Rio de Janeiro: Zahar, [s.d.]. p. 106-107.

indagação, citando as circunstâncias de um dos vizinhos sul-americanos, ao declarar: “Deixareis que os cidadãos se estrangulem ou degolem entre si, como fazem nas províncias da república vizinha, a Confederação Argentina?”.

As reivindicações de caráter social também passaram a fazer parte da pauta de contestações militares no período pós-Guerra do Paraguai. Essa busca por uma ascensão no que tange ao lugar social do segmento castrense prendia-se a um problema estrutural do Exército ao final do Império, ou seja, “tratava-se de criar não o cidadão-soldado, mas o soldado-cidadão, uma vez que seriam os militares “os beneficiários do monopólio de portar armas”, e eles constituíam os “componentes da burocracia estatal que desejavam para si a plenitude dos direitos de cidadania”. De acordo com tal intento, eles “não só não renunciavam à condição de integrantes do Estado, como se utilizavam da força que esta condição lhes dava”. Assim, lutando “de dentro para fora, não eram parte de um movimento da sociedade”, mas sim “buscavam maior participação através do pertencimento do Estado, isto é, não se tratava tanto de cidadania”, mas aquilo que poderia ser denominado de “estadania”<sup>53</sup>.

No campo contestatório, “o esforço de mobilização nacional resultante da guerra, devido a suas dimensões, trouxe luz a regiões antes sombrias da sociedade escravista”, como foi “o papel e a situação dos setores livres populares”. Nessa conjuntura, “como

---

<sup>53</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 49-50.

esforço nacional, a organização do Exército” viria a implicar em um processo que ressaltou “os laços e contradições que uniam e opunham senhores, cidadãos, despossuídos e escravos na civilização do Império”<sup>54</sup>. A partir de tal circunstância, na busca de um novo lugar social, chegando a utilizar-se de uma linguagem mais áspera, a *Alvorada* demonstrava a sua insatisfação com os políticos no que tange à ocupação e distribuição de terras no país. A folha defendia que, ao contrário das mesmas serem distribuídas, através da colonização oficial, aos estrangeiros, o fossem para os “heróis da guerra”. Segundo tal concepção, o periódico afirmava que a “pequena e míope política de engrandecimento do país atrai, com enorme ônus para o erário, um punhado de colonos estrangeiros que se tornaram possuidores de terras”. Diante disso, a folha questionava: “Homens de Estado pequeninos, por que não concedeis essas mesmas terras aos legítimos possuidores”, ou seja, “aos que defenderam a sua ocupação com o audaz invasor?”; bem como indagava: “Por que não estabeleceis colônias militares sobre as nossas fronteiras que não podeis guarnecer de tropas”. Em relação a tais questionamentos, o jornal concluía com ironia: “Não. O elemento militar deve desaparecer no Brasil. Num país livre, o Exército é supérfluo. Só consome, não produz... Políticos pigmeus o que quereis dizer?”.

No quadro das contestações promovidas pelos militares encontrava-se também a dicotomia de poder em relação à Guarda Nacional, ficando evidenciada a “distinção entre função militar externa e função militar

---

<sup>54</sup> SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 60.

interna” e “a formação de uma estrutura militar dual”<sup>55</sup>, típica do Brasil daquela época. A *Alvorada* levantava esse tipo de questão a qual servia para criar ainda mais desavenças entre setores do Exército e as forças governativas, como foi o caso da utilização dos militares para busca e prisão de malfeiteiros; a proibição de terem participação em assuntos políticos; e o maior incentivo por parte dos governantes para com a Guarda Nacional, em detrimento dos militares do Exército, os quais, inclusive, acusavam aquela força de, em caso de revolta interna, tomar o partido dos insurgentes.

A *Alvorada* tinha assim por objetivos uma revalorização da importância do Exército no conjunto da sociedade brasileira e ainda chamar a atenção para o “erro” que estariam cometendo os políticos ao desprestigar essa instituição. Desse modo, após a guerra, “muitos oficiais brasileiros não ficaram satisfeitos em retornar ao antigo padrão de um Exército menor e menos conspícuo”. Além disso, o “Exército sentia-se enganado por políticos civis, tanto durante quanto depois da guerra”, ficando “mais propenso a questionar a ordem” estabelecida. A partir desse pensamento, ganhava espaço a ideia de que os políticos “não estavam verdadeiramente conscientes das necessidades do Exército” e que “o governo não havia compreendido a ‘importante missão’ levada a efeito” pelos militares “durante a guerra, ‘com um valor e uma abnegação admirados por todo o mundo civilizado’”<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> SAES, Décio. *A formação do Estado burguês no Brasil (1888-1891)*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 175.

<sup>56</sup> HAHNER, June Edith. *Relações entre civis e militares no Brasil (1889-1898)*. São Paulo: Pioneira, 1975. p. 26-28.

Levando em conta esse intento, o periódico reforçava argumento anterior, ao declarar que os “legisladores do Brasil mantêm esse desprestígio do Exército, não decretando o seu aumento” e nem mesmo “remunerando-o como devem, sob pretexto de que, num país livre, o Exército é supérfluo”. Diante disso, a folha defendia que um “Exército aguerrido e numeroso”, ao contrário, “simboliza a civilização e o poder de um povo”, explicitando que isso era o que aparecia “em cada página da História da Humanidade”, concluindo seu editorial com a defesa da premissa de uma plena relevância da instituição militar no seio da sociedade brasileira.

No artigo “Ainda a questão dos empregos militares”, a *Alvorada* retomava o debate de matéria publicada em número anterior, a qual gerara réplica e, naquele texto, a folha empreendia a tréplica. Em síntese a publicação era contrária a ocupação de cargos não vinculados ao meio castrense por militares. Segundo o jornal, “o Exército não tira resultado algum dos oficiais de fileira que vivem empregados”, passando a elencar os argumentos que corroboravam com sua opinião: a) os corpos ficavam desfalcados, “obrigando o serviço de 37 a recair apenas sobre 15 ou 16 como quase sempre sucede”; b) esses “oficiais ficavam apaisanados, perdem o hábito de comandar, esquecem-se da linguagem militar que parece ser nada e é muito”, além de ficarem “odiando os estudos militares que qualificam de maçantes”, ficando também “impossibilitados da prática tão necessária pelo menos a pequena tática”; c) tornava os militares “ridículos e totalmente presunçosos, pois quase todos eles supõem que o fato de serem empregados é uma homenagem que se presta a seus

grandes merecimentos"; d) uma vez de volta aos corpos, tais militares ficavam "impossibilitados de bem distribuir a justiça e, quando obrigados a distribuí-la cometem os maiores absurdos"; e) porque os oficiais perdiam a confiança dos soldados, que "depositam neles nenhuma absolutamente"; além de "mil outros inconvenientes que seria ocioso apontar". Diante disso, a folha se propunha a continuar protestando contra tal circunstância, "até onde limita a subordinação militar, mas então o fazemos sempre e sempre".

A matéria "Ainda o imposto sobre os empregados públicos" também constituía uma retomada de tema debatido anteriormente. Como defensora do espírito de classe, a folha mostrava-se ferrenhamente contrária aquele tipo de tributação. De acordo com o periódico, o país vivia em "circunstâncias melindrosas", de modo que seria "urgente recorrer-se a severas medidas" para evitar "uma queda iminente", em um quadro no qual qualquer tipo de elevação de impostos só seria justa se a medida atingisse "todas as classes da sociedade", com a figura de um "imposto geral". Segundo o jornal, se os homens de Estado estivessem a entender "que o imposto não deve abranger todas as classes", constituiria um "ato de prepotência fazê-lo recair exclusivamente sobre os empregados públicos, que representam na sociedade a classe mais desfavorecida". Na opinião da folha, "sobre os ricos é que deveria pesar tal imposto", defendendo que o encargo fosse voltado aos "possuidores de apólices", passando a discorrer sobre o tema no sentido de sustentar a sua argumentação. Nessa linha, a publicação concluía, reforçando a tese de que o novo imposto deveria "ser geral e não atingir uma só classe social",

mas, caso isso tivesse efetivamente de acontecer, que o mesmo recaísse “antes sobre os ricos, sobre os possuidores de apólices, mas nunca sobre os empregados públicos exclusivamente”.

Esse espírito de contestação dos militares nos anos seguintes à Guerra do Paraguai não se limitaria a um horizonte cronológico de curta duração e perpassaria ao longo das décadas seguintes, transformando-se em reivindicações correntes e trazendo mudanças de caráter irreversível que plasmariam o papel que tais agentes sociais viriam a desempenhar como arcabouço e sustentáculo institucional. A nova visão de mundo, o caráter de “segmento profissional do Exército”, as renovadas exigências de modernização de conteúdo bélico e a própria revalorização dos militares seriam constantemente repassadas em uma “elaboração crítica de suas lições pelas turmas que se formaram nas décadas subsequentes”<sup>57</sup>. Tais encaminhamentos viriam a deitar raízes, os quais seriam decisivos na formulação da denominada Questão Militar, na proclamação da República e na nova função assumida pelos militares, como sustentáculos governamentais. Nesse quadro, no âmbito rio-grandense, em 1879, a *Alvorada* refletiria as transformações de pensamento, aspirações, práticas e rumos dos militares que, dez anos depois, iriam promover a mudança na forma de governo do país e se

---

<sup>57</sup> COSTA, Wilma Peres. . *A espada de Dâmocles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império*. São Paulo: Hucitec; Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 265.

transformariam no fiel da balança na manutenção ou não de governos e governantes republicanos<sup>58</sup>.

---

<sup>58</sup> Texto ampliado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Militares e contestação no Rio Grande do pós-Guerra do Paraguai. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Rio Grande do Sul: história, historiografia & memória*. Rio Grande: FURG, 1999. p. 35-41.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

# **Um marinheiro gaúcho entre o martírio e a glória: Marcílio Dias a partir das revistas juvenis**

O cenário bélico da Guerra do Paraguai serviria de palco para o surgimento de diversos personagens que passariam por um processo de heroicização, vindo a ser reconhecidos como pessoas que, com atos de altruísmo e abnegação, deixaram de lado seus interesses pessoais, para fazer valer um valor considerado mais alto, vinculado ao patriotismo. Quase como seres sobrehumanos, elevados ao panteão da heroicidade, eles passariam a ganhar espaço significativo na difusão de conhecimentos históricos, cívicos e morais. Nesse sentido, o culto dos heróis seria encontrado “nas atitudes desenvolvidas no curso da educação da juventude”, uma vez que “a História de cada nação é representada à sua juventude em termos de explorações dos grandes indivíduos”<sup>59</sup>. Assim, como na guerra o indivíduo enfrenta confrontos bélicos, ao ser herocizado, vence “mais uma batalha: aquela que assegura sua permanência no espaço da memória”<sup>60</sup>.

Um desses personagens foi um imperial marinheiro de nome Marcílio Dias, nascido na mais

---

<sup>59</sup> HOOK, Sidney. *O herói na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. p. 15.

<sup>60</sup> MICELI, Paulo. *O mito do herói nacional*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1991. p. 18.

meridional província brasileira, na cidade portuária do Rio Grande, no ano de 1838. De família pobre, sua mãe encontrou como alternativa encaminhá-lo para prestar serviços na Armada brasileira, vindo a ser destacado como grumete, em 1854; marinheiro de 3<sup>a</sup> classe, em 1861; marinheiro de 2<sup>a</sup> classe, em 1862; e marinheiro de 1<sup>a</sup> classe, em 1864. Frequentou e foi aprovado na Escola Prática de Artilharia, em 1863. Participou da expedição que, em 1864, na intervenção brasileira no Uruguai, promoveu a tomada de Paissandu. Já no enfrentamento contra os paraguaios, a bordo da *Parnaíba*, participou da Batalha Naval do Riachuelo, em 1865, no qual foi ferido e veio a falecer<sup>61</sup>.

Foi exatamente a morte de Marcílio Dias o fator que viria a torná-lo um personagem colocado em destaque e guindado à posição de herói, pois ele teria perdido a vida ao resistir à invasão de sua embarcação por parte do inimigo, reagindo à ação dos paraguaios. Entre o mítico e o real, tal atitude seria elevada como merecedora da heroicização, de modo que o menino pobre, que entrara para a Marinha como forma de encontrar lenitivo para uma vida de pobreza, passaria a ser elencado no panteão dos “vultos nacionais”, não só como uma das “glórias” do país, mas como um “mártir”,

---

<sup>61</sup> ARQUIVO NACIONAL. *Dados biográficos inéditos de Marcílio Dias, um dos heróis da Batalha Naval do Riachuelo*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Arquivo Nacional, 1929. p. 9. A respeito do imperial marinheiro podem também ser observadas as seguintes biografias: COSTA, Dídio. *Marcílio Dias – imperial marinheiro*. Rio de Janeiro: Mundomar, 1943.; e FONTOURA, Edgar. *Marcílio Dias*. Rio de Janeiro: Calvino Filho Editor, [19..].

que morrera “patrioticamente” em nome da “causa nacional”.

Foram vários os momentos da formação histórica brasileira nos quais, em nome da afirmação e valorização da nacionalidade, houve um esforço institucional para plasmar as identidades dos denominados “heróis nacionais” no seio da memória social dos brasileiros. Esses projetos tiveram por alvo o público em geral, mas destinaram-se essencialmente a um segmento da população, representado pela juventude, mormente, ao longo da vida escolar. Nessa linha, as instituições de ensino passaram a ser um dos veículos fundamentais para a difusão desses casos de heroicidade, no intento de elevar esses propalados “grandes homens” à categoria de exemplos morais e cívicos que deveriam ser seguidos pelas gerações que a eles se seguiram.

Um outro mecanismo de divulgação das ações desses “personagens heróicos” foram as edições voltadas ao público infanto-juvenil, que também encaparam o projeto de expansão dos ensinamentos do civismo. Em meio a esse tipo de publicação estiveram os periódicos voltados à difusão das histórias em quadrinhos, que, em meio aos heróis da ficção, também apresentavam os chamados “heróis nacionais”. Dentre essas revistas de histórias em quadrinhos figuraram *O Tico-Tico* (1905-1961), a pioneira e uma das mais longevas em seu tempo, editada com significativa qualidade gráfica; *Suplemento Juvenil* (1934-1945) e *Mirim* (1937-1945), editadas pelos Grande Consórcio de Suplementos Nacionais e *Vida Juvenil* (1949-1959), publicada pela

Sociedade Gráfica Vida Doméstica<sup>62</sup>. Em meio ao panteão dos “heróis brasileiros”, Marcílio Dias foi um dos personagens em destaque nesse gênero de periodismo, aqui estudado em suas edições publicadas entre as décadas de 1930 e de 1950.

Em uma edição de outubro de 1937 de *O Tico-Tico* foi exaltada a considerada heroicidade de Marcílio Dias, o qual foi apontado como “um marinheiro simples e modesto”, que, “de cabeça erguida em continência ao pendão que acabava de cravar”, por ocasião da tomada de Paissandu, na campanha uruguai. De acordo com o periódico, o nome do imperial marinheiro “se sobressaiu entre vultos eminentes de generais, e na jornada gloriosa da Guerra do Paraguai, a sua figura de rude marinheiro foi exaltada”. A publicação demarcava ainda que, na Batalha do Riachuelo, Dias “mais uma vez mostrou o seu espírito heróico, distinguindo-se brilhantemente”, no combate em que “morreu vítima da sua intrepidez”. A revista descrevia que, “enquanto esteve vivo, lutou tenazmente, a favor de sua pátria querida, e, até mesmo quando perdeu um braço, cortado por uma lança, ergueu o outro”, peramanecendo “a lutar até morrer”.

---

<sup>62</sup> A respeito do contexto editorial dessas revistas em quadrinhos, observar: GONÇALO JÚNIOR. *A guerra dos gibis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. Porto Alegre: L&PM, 1986.; SILVA, Diamantino da. *Quadrinhos dourados: a história dos suplementos no Brasil*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2003.; AZEVEDO, Ezequiel de. *O Tico-Tico: cem anos de revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005.; e VERGUEIRO, Waldomiro & SANTOS, Roberto Elísio dos (orgs.). *O Tico-Tico: centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica Editora, 2005.

Nesse sentido, a publicação exclamava que “o seu heroísmo jamais será esquecido”, ficando “para sempre gravado nas páginas da nossa história”, uma vez que, “Marcílio Dias, o audaz marinheiro, é um vulto que honra o Brasil”<sup>63</sup>.

Mais adiante, *O Tico-Tico* publicaria nova matéria a respeito de Marcílio Dias, trazendo alguns dados de sua biografia. Em tom elogioso, a revista explicitava que “seu rápido acesso” nas categorias marinheiras fora “um prêmio ao seu comportamento exemplar e seu amor à blusa”. Informava ainda que o personagem recebera “o batismo de fogo em Paissandu”, mas definia que seu ato maior ocorrera no Riachuelo, no momento em que os paraguaios buscavam substituir a bandeira imperial pela guarani. Neste embate, Dias teria enfrentado, em “luta desigual”, quatro inimigos, dos quais dois foram eliminados, mas feriram o brasileiro mortalmente, tendo ele ainda vivido “mais um dia, sem mostrar um só instante arrependimento de haver-se sacrificado em honra da pátria”, de modo que “o gigante das águas estreitou em último amplexo o gigante da valentia”. Ao pé da página que continha a matéria, o periódico demarcava que “a História do Brasil está cheia de belos exemplos de coragem, patriotismo e integridade”, havendo “heróis na história pátria que fariam inveja a outras nações”<sup>64</sup>.

Já nos anos 1940, *O Tico-Tico* apresentou uma história em quadrinhos sobre a trajetória de Marcílio Dias, iniciando pela sua infância e enfatizando seu ingresso e ascensão na Armada, com destaque para sua

<sup>63</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, 27 out. 1937.

<sup>64</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, 8 mar. 1939.

participação das campanhas do Uruguai e do Paraguai, onde pereceu. O marinheiro foi definido como um “herói”, que deixara “seu nome escrito em letras inapagáveis nas páginas da História Pátria”, vindo a ter “por túmulo o oceano como todo verdadeiro marujo quereria ter”<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, abr. 1943.

# MARCILIO DIAS



**TERMINADO** o período de quatriel, o novo grumete Marcilio foi embarcado no navio Recife, rumo às aventuras em alto mar.

Em 1861, já ele era marinheiro de terceira classe, com 17 anos de idade, em pleno inicio daquela juventude que seria sacrificada ao amor pela Pátria.

Um ano depois era marinheiro de segunda classe, e foi passado para o "Parati", onde teve o último encontro com sua mãe, ao passar o navio pelo porto do Rio Grande.

**MARCILIO DIAS**, herói nacio-

nal, um dos precursores da Juventude Brasileira, nasceu em 1844, no Rio Grande do Sul.

Tinha origem humilde. Era papernito. Tão pobre que foi engatado. E com a idade de 11 anos foi posto, como grumete, na marinha, pois naqueles tempos era esse um dos destinos que se davam. Atualmente aos meninos desafortunados, um pouco como castigo pelas suas tropelias de crianças criadas sem o carinho e os conselhos paternos, e um pouco para lhes assegurar uma profissão.



O menino engatado era, agora, um bravo rapaz, de comportamento exemplar e cheio de amor à corporação a que servia e à bandeira sob que prestava serviços à Pátria.

E aos 10 anos era 1º marinheiro de 1.ª classe, quando a nossa esquadra, sob o comando de Tamandaré, se fez em rumo ao sul para operações de guerra.



O batismo de fogo do jovem marinheiro foi nos combates de 6 a 8 de dezembro de 1864. Na última noite desse ano, entre lagos e rios da província de Piauá, 52 horas de fogo e luta formidável, mas quais o exagerado pelados com desredo e valor, tendo em vista a glória de plantar o pavilhão imperial na torre da igreja de Piauá.

Lutavam os brasileiros por um ideal nobre, contra as idéias de opressão e tirania de um despotismo, desses estúpidos que jaziam, em qualquer tempo, da América.

**MACHADO DOS SANTOS**  
Mas vej que o fogo de seu canhão se tornou inútil e toma de seu salvo, que entrou na caravela de Piauá. Vai lhe dar a morte de Brandoim-o-impávido, acorreto quatro adversários. Dois caem, vencidos. Mas os outros dois em vão feridos, o criaram de valentes.

Poi um dos heróis dessa batalha, o engenheiro de 1864 Machado dos Santos, no mesmo dia. Sozinho no segredo expõe, deixando seu nome escrito em letreiro lapidário; na placa de bronze que se encontra na nave por ramalho o escudo, como sede verdadeiro marinheiro aquarela ver.

**O TICO-TICO**

Ainda na mesma década, *O Tico-Tico*, em seção denominada “Os heróis de junho”, apresentou sonetos que homenageavam personagens que participaram da

Guera do Paraguai, entre eles Marcílio Dias, sobre o qual era dito:

Tu, flor agreste, que no inculto prado  
Da alma do povo vicejaste obscura,  
Ganhaste, de repente, tal altura,  
Que és como um astro de ouro em céu lavado.

No dia do teu trágico noivado  
Com a morte, a glória refulcente e pura  
Lograste, dos que fazem – que ventura! –  
Do amor à pátria um santo apostolado.

Quando tombaste, no frigor da luta,  
Tombaste, como tomba uma semente  
Em terra de águas pútridas enxuta;

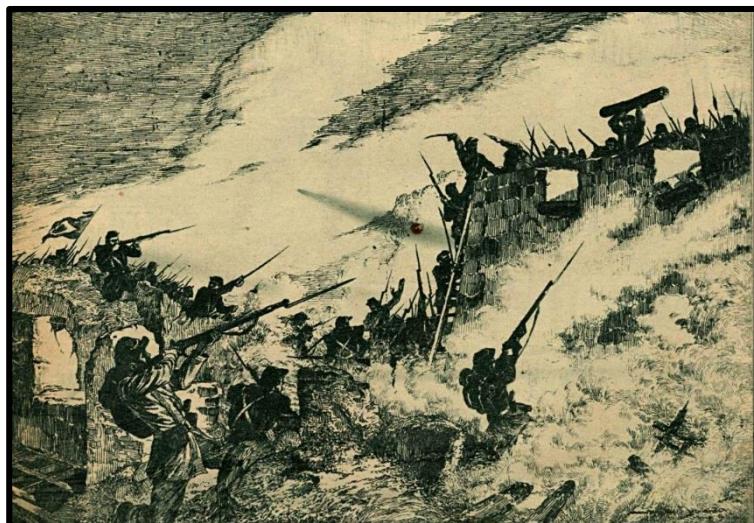
E essa se desatou, fecunda e ardente,  
Rasgando a grossa crosta, resoluta,  
E dando frutos abundantemente...<sup>66</sup>

Mais adiante, *O Tico-Tico*, em sessão denominada “Folheando a História Pátria”, divulgou o texto “A tomada de Paissandu”, trazendo uma ilustração sobre a batalha e descrevendo a ação de diversos líderes militares. Em meio à matéria, houve um espaço para “chamar a atenção dos nossos jovens leitores para a figura de um marinheiro que, mais tarde, seria glorificado pelo seu sacrifício glorioso” no combate de Riachuelo. Tratava-se de Marcílio Dias, pois “era a primeira vez que o nosso imortal marujo entrava em

---

<sup>66</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, jun. 1943.

combate”, de maneira que “Paissandu foi o seu batismo de fogo”. A matéria era acompanhada pela gravura de uma cena de batalha<sup>67</sup>.



O *Tico-Tico* ainda publicaria uma matéria ilustrada intitulada “Dois heróis do mar”, a qual versava sobre o guarda-marinha João Guilherme Greenhalgh e o imperial marinheiro Marcílio Dias, ambos tombados sem vida após participarem da Batalha Naval do Riachuelo. A respeito de Dias, a revista trazia alguns detalhes de sua vida pessoal e na Marinha, detendo-se mais enfaticamente na sua ação na canhoneira *Parnaíba*, “de onde passou para as páginas da História do Brasil”. Nessa linha, a morte do marinheiro era descrita bem de acordo com o espírito de glorificação do mártir:

---

<sup>67</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, jan. 1952.

Enchalhada e abordada, a *Parnaíba* resistiu valentemente. Marcílio, aucado por magotes de inimigos, sentiu muitas vezes o aço mortífero roçar-lhe a farda sem máculas, que ele honrava como poucos, pois nunca recebera punição disciplinar. Luta sem esperança. Não podia vencer. Um golpe feroz lhe alcança em cheio a parte superior do braço direito. A carne tomba, como um galho partido. Marcílio verga o corpo exausto. Considerando-o liquidado, os assaltantes convergem poara outros defensores da *Parnaíba*. Mas o titã se apoia sobre o braço esquerdo. Ergue-se do lago vermelho do tombadilho, assombrosamente pertinaz. Ainda empunha a espada. Golpeia sem jeito, porque não é canhoto. Golpeia, sem força, porque a mutilação lhe rouba rios de sangue. Mas golpeia – até a vitória. E tão resistente era seu organismo que só no dia seguinte veio a expirar.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, jun. 1952.

**Dois heróis  
DO MAR**

MARCILIO DIAS  
JOÃO GUILHERME GREENHALGH

*(Greenhalgh - sublime herói! - sucumbe envolto  
No caro pavilhão, mortalha santa!)*

**ESSES** versos de Joaquim Norberto significam o mais adequado epítafio. Um rapazinho brasileiro, de físico franzino, mereceu a linda imagem do poeta ao enfrentar leoninamente a guarnição inimiga, que, na batalha do Riachuelo, pretendia arrancar o pavilhão nacional. O tombadillo da canhoneira "Parnaíba" se convertera num palco de tragédia. Em ondas sucessivas, as guarnições de três navios adversários se lançaram à abordagem. Parece perdida a situação. Um oficial assaltante consegue chegar até o mastro, onde o estandarte verde e amarelo tremulava, ao sopro convulsivo dos canhões. Faz menção de arrá-lo. O guarda-marinha Greenhalgh vôlea para junto do símbolo sagrado. Arrebata-o. Cinge-o ao peito. Atacado, revida com um tiro, que prosta o oficial inimigo. Logo se vê cercado por uma chusma de ferozes agressores. Retendo o pavilhão, defende-se a torto e a direito. Impossível. Ele tem vinte anos, é fraco, e luta contra homens robustos. Tomba. Ergue-se. Prefere perder a vida a perder a bandeira. Defende-se ainda. E nos derradeiros arrancos, embebera por tal forma o lábaro auri-verde no rubro de seu sangue, que não lhe foi possível apurar o golpe decisivo. Cai. Mas o pavilhão nacional batizado de sangue reergue-se altaneiro no alto do mastro.

ROBERTO MACEDO

O TICO-TICO JUNHO — 1952

**Q**UEM procurar, nos grandes historiadores, informações sobre a vida exemplar de Marcílio Dias, nada encontrará. Só o moinho dos arquivos, movido pela mão da paciência, forneceu alguns resíduos de conhecimento. Sabese hoje que Marcílio nasceu no Rio Grande do Sul, em 1858, filho de Manuel Fagundes Dias. Aprendeu a ler na Marinha.

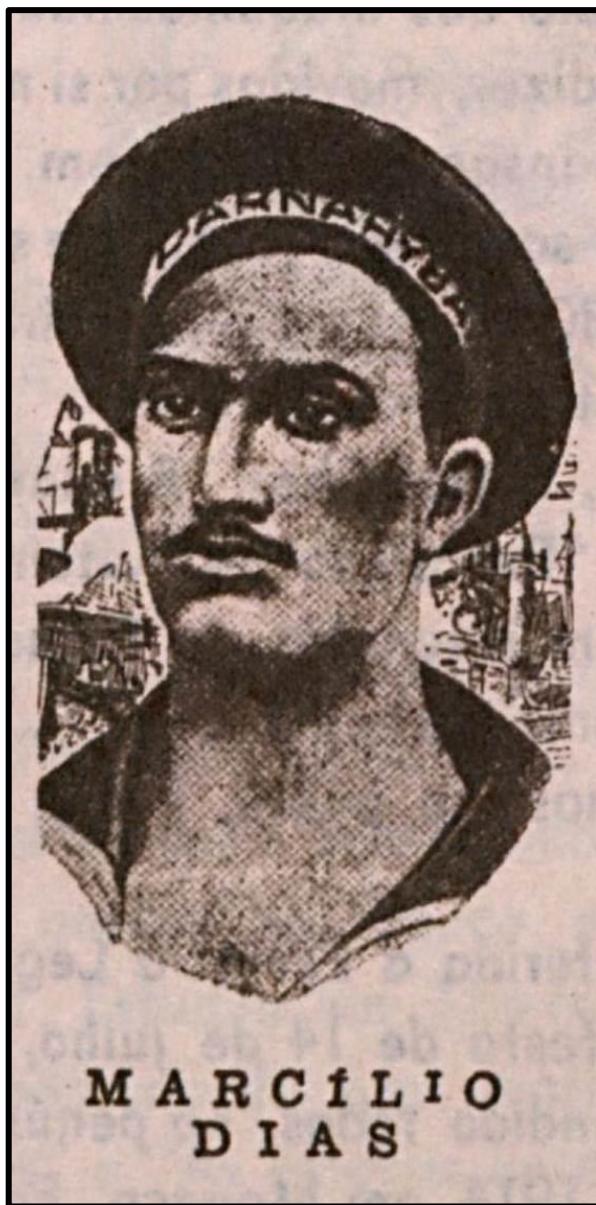
Serviu no vapor "Recife", no qual viajou para Montevidéu em 1858. Fez nova viagem ainda para Montevidéu no ano seguinte, a bordo da corveta "Paraense". Pela terceira vez seguiu para a capital uruguaia. A 15 de Maio de 1861 promovido a marinheiro de terceira classe, a 11 de maio de 1862 de segunda, a 26 de julho de 1864 de primeira. Serviu mais na fragata "Constituição" e na canhoneira "Parnaíba", de onde passou para as páginas da História do Brasil. Foi na batalha do Riachuelo. Encalhada e abordada, a "Parnaíba" resistiu valentemente. Marcílio, acuado por magotes de inimigos, sentiu muitas vezes o aço mortífero roçar-lhe a farda sem mácula, que ele honrava como poucos, pois nunca recebera punição disciplinar. Luta sem esperança. Não podia vencer. Um golpe feroz lhe alcança em cheio a parte superior do braço direito. A carne tomba, como um galho partido. Marcílio verga o corpo exausto. Considerando-o liquidado, os assaltantes convergem para outros defensores da "Parnaíba". Mas o titã se apoia sobre o braço esquerdo. Ergue-se do lago vermelho do tombadilho, assombrosamente pertinaz. Ainda empunha a espada. Golpeia sem jeito, porque não é canhoto. Golpeia, sem força, porque a mutilação lhe rouba rios de sangue. Mas golpeia — até a vitória. E tão resistente era seu organismo que só no dia seguinte veio a expirar.



Já em meados dos anos 1950, *O Tico-Tico* voltou a publicar artigo sobre Marcílio Dias, pela primeira vez estampando o seu retrato, trazendo a imagem pela qual o personagem mais ficaria conhecido. No texto houve destaque para a progressão do marinheiro em sua ação na Armada e para sua participação na Batalha do Riachuelo. Na conclusão da matéria, era afirmado que “a vida de Marcílio Dias é uma página extraordinária de patriotismo e de bravura”, pois, “de origem humilde, filho de uma lavadeira de profissão, preta, porém muito conceituada no local onde vivia”, tivera “uma infância desamparada e desinteressante”, mas, “pelo seu caráter, espírito de disciplina, amor ao trabalho, lealdade, patriotismo e virtudes cívicas”, passou a ocupar “o lugar que o destino lhe reservou, entre os maiores homens da sua pátria”<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> O TICO-TICO. Rio de Janeiro, abr. 1955.



O *Suplemento Juvenil*, por sua vez, apresentou matérias ilustradas acerca de Marcílio Dias ao longo da década de 1940. Em uma delas, intitulada “Marcílio Dias, o que morreu pela pátria”, era mostrado o retrato do personagem ao lado de uma cena de batalha. A revista enfatizava que na Guerra do Paraguai houvera “muitos episódios de heroísmo” e se dedicaria a “destacar um deles, não porque seja o maior, e sim porque revela noção perfeita da honra militar”, ainda mais pelo “fato de ser esse ato de heroísmo praticado por um simples marinheiro”, o que o tornaria “mais digno de admiração”. Dias era considerado como um “modelo aos seus colegas de hoje”, passando o periódico a descrever “a luta violentíssima” que caracterizara a Batalha do Riachuelo, ressaltando os mortos em combate. Dentre eles estava Marcílio Dias, apontado como “um modelo perfeito do marinheiro cumpridor dos deveres da honra militar”<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 1º fev. 1941.



Em outra oportunidade, o *Suplemento Juvenil* trouxe o artigo "Marcílio Dias, símbolo do marujo brasileiro", contendo o retrato do personagem de perfil e a ilustração de algumas belonaves. O texto inter-

relacionava a ação do imperial marinheiro com o papel que a Marinha Brasileira deveria desempenhar naquela conjuntura de enfrentamento bélico da década de 1940:

... Marcílio Dias soube honrar os compromissos que havia assumido para com o Brasil, nos juramentos que prestara ao ingressar no Corpo de Marinheiros. Na Batalha do Riachuelo, nesse palco em que os titãs se contaram por cem e por mil, Marcílio Dias é uma das mais desassombradas entre as figuras daqueles marinheiros que, peito exposto, olhar firme, braço forte, desafiaram todos os riscos para que a vitória não fugisse aos navios da esquadra comandada por Barroso. Honremos, na figura de Marcílio Dias, a figura do marinheiro brasileiro, defensor dos nossos mares e das nossas praias, que monta guarda vigilante a todos os pontos nevrálgicos da nossa faixa litorânea, pronto a repetir, quando for preciso, todos os rasgos de heroísmo dos seus antecessores, assim como aconteceu com Marcílio Dias na jornada de gigantes de 1865! O Brasil confia na sua Marinha de Guerra - e Marcílio Dias, cujo nome é hoje a inspiração permanente dos que tripulam um dos contra-torpedeiros aqui mesmo construídos.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 13 jun. 1942.



Na seção denominada “A História do Brasil pelos seus próprios vultos”, o *Suplemento Juvenil* apresentava mais um capítulo sobre “Os grandes marinheiros”, o qual enfocava a figura de Marcílio Dias. A matéria mostrava uma cena do convés da *Parnaíba*, com a presença do imperial marinheiro, resistindo aos inimigos durante a Batalha do Riachuelo. Tal segmento editorial da revista apresentava o menino Rebedeco que, imaginativamente, visitava personagens do passado e, nesse caso, comparecia à enfermaria da *Parnaíba*, onde conheceria Marcílio Dias, já às portas da morte. Diante da visão do marinheiro agonizante, o menino exclamava “Pobre mártir!” e passava a “dialogar” com ele, que “contava” detalhes de sua carreira militar. Rebedeco reconhecia que estava diante de “um marinheiro exemplar”, ao que Dias atalhava, contando os momentos decisivos do combate em que fora ferido. Ao final, o imperial marinheiro “diria”: “Morro satisfeito por ter cumprido o meu dever com a pátria. E espero que a pátria também esteja satisfeita comigo... Adeus!”. Segundo a publicação juvenil, assim morria aquele “herói obscuro”, com “o naufrágio daquela vida gloriosa”<sup>72</sup>.

---

<sup>72</sup> SUPLEMENTO JUVENIL. Rio de Janeiro, 27 abr. 1943.

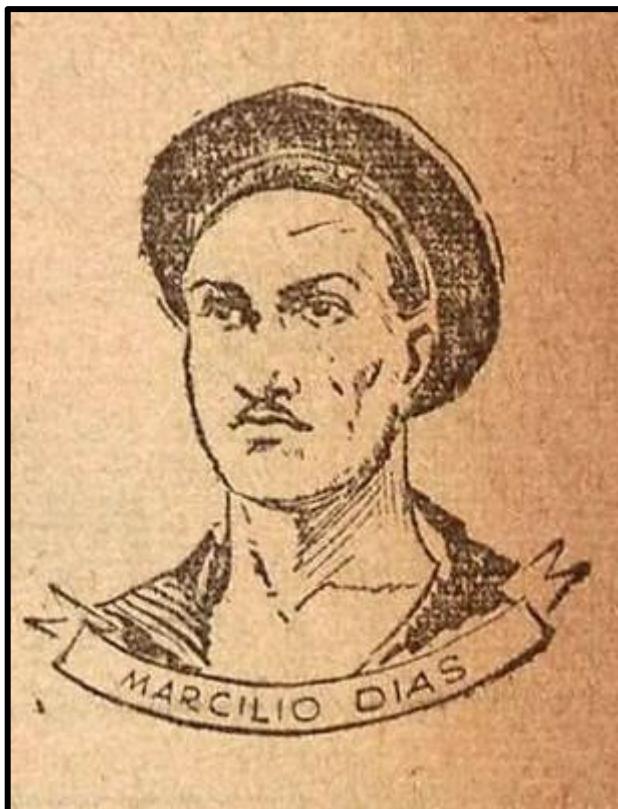
A revista *Mirim*, editada pela mesma empresa que o *Suplemento Juvenil*, sob o título “Heróis do Brasil”, apresentou uma coluna sobre Marcílio Dias, contendo o

retrato do mesmo. Na abertura do texto, o periódico enfatizava que “o Brasil sente em sua alma coletiva uma fortíssima vocação marítima”, tendo em vista a sua extensíssima costa e a ação dos “navegadores resolutos que temperaram a nossa fibra de marinheiros”, de modo que não seria de estranhar a presença na Marinha Brasileira de “heróis gloriosos”. A publicação lembrava que a Marinha prestara “homenagem a Marcílio Dias, o marinheiro heróico”, ao dar o seu nome a uma belonave construída no Brasil. Diante disso, a revista juvenil assim caracterizava a ação do imperial marinheiro:

Marcílio Dias é bem um símbolo das qualidades morais de nosso marinheiro: firme no seu posto, reto no cumprimento do dever, inabalável na sua decisão de vencer, disposto ao sacrifício, mesmo ao supremo sacrifício da própria vida. Modesto mas abnegado, simples, mas invencível, patriota até o último limite, Marcílio Dias é hoje um herói nacional reconhecido e respeitado unanimemente, pela bravura que demonstrou quando o Brasil precisou de seus serviços em momentos de perigo e de glória!<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> MIRIM. Rio de Janeiro, 16 fev. 1941.



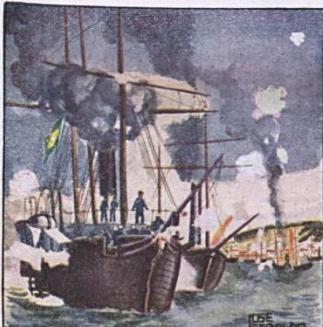
Outra das revistas voltada ao público jovem, a *Vida Juvenil*, em seção denominada “Quadros brasileiros”, descreveu os episódios que marcaram a Batalha Naval do Riachuelo, destacando alguns dos personagens nela envolvidos, caso do almirante Barroso, do guarda-marinha Greenhalgh e do imperial marinheiro Marcílio Dias<sup>74</sup>.

---

<sup>74</sup> VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro, mar. 1949.

# QUADROS BRASILEIROS

C. PAULA BARROS



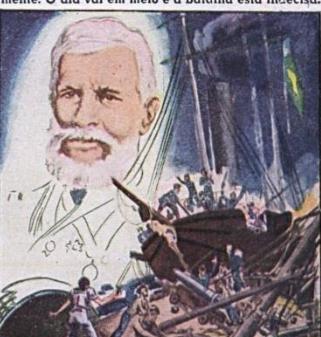
Mais um quarto de hora e a esquadra paraguaia, passando em frente à brasileira, vai tomar posição de bloqueio próximo a Riachuelo, protegido pelas baterias de terra. A nossa esquadra segue-a descendendo o rio. Engajam-se todos na batalha. Numa segunda banda de fogo, a Mearim afunda uma chata e o Jejuí, com um balâsio brasileiro nas caldeiras, cobra-se de uma nuvem esbranquiçada. E quando Barroso, heróicamente, ordena: «Atacar o inimigo o mais perto que puder!»



Então a Belmonte, investe o canal seguida dos outros navios. Mas o rio está baixo e o lequilinhenha encalha. Desmascaram-se as baterias de terra despejando-lhe um inferno de fogo. A Belmonte, aproxima-se do inimigo, castiga-o de perto e sofre pesadas baixas e avarias na linha d'água. Nesta angústia uma bomba atingiu-lhe um incêndio. A água invade-lhe os porões. A Mearim, o Araguari, a Ipiranga atiram violentamente. O dia vai em meio e a batalha está indecisâ.



A hora da tarde, a Parnaíba abordada pelo Salto, Taquare e nosso ex. Marquês de Olinda, sucumbe. A golpes de sabre morrem o Cap. Pedro Alonso Ferreira, Guarda-Marinha João Guilherme Greenholgh, o bravo Marcílio Dias. Vendo o seu navio assim o Comte, Garcindo desce com o imediato para incendiá-lo os paóis. Mas, no último instante, ouvem gritar: Viva o Brasil! E a Amazônia que vem, a lida fôrça, içando o sinal: «Sustentar o fogo que a glória é nossa.»



Barroso que, desesperadamente, atira o seu navio sobre os do inimigo, chundando-os. Há um fragor indescrevível de destruição e de morte. Parte-se ao meio o Salto; os paraguaios abandonam as chatas e deixam o campo de batalha. E a vitória! Quando a noite começou a cair, quem por ali passasse, veria a esquadra brasileira em marcha triunfal. Vencera a maior peleja em águas da América, a que assegurara a vitória. E ouviria gritar: Viva o Brasil! Viva o Imperador!

Mais tarde, a *Vida Juvenil*, novamente com o segmento “Quadros brasileiros”, apresentou uma história em quadrinhos a respeito de Marcílio Dias, acompanhando desde o seu ingresso na Marinha até sua participação nos confrontos bélicos nos quais o Império Brasileiro esteve envolvido. A culminância da narração se dava com a participação da *Parnaíba* na Batalha Naval do Riachuelo, na qual Dias “luta desesperadamente”, auxiliando na vitória das forças brasileiras, sem que pudesse presenciá-la, pois “dera sua vida pela pátria que estremecia”<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro, 15 ago. 1957.

**Quadros Brasileiros**

Sérgio D. T. Macedo

desenhos  
de  
Ricardo Silva

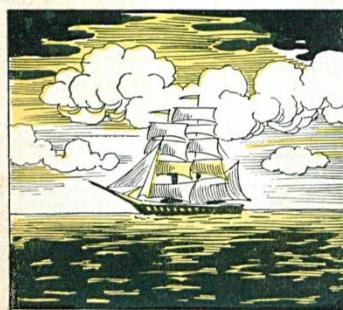
# Marcílio Dias

\*\*\*



Naquele 8 de agosto de 1855 chegava à ilha de Villegagnon, sede do «Corpo de Marinheiros Imperiais», um rapazola de 17 anos. Era moreno, tinha cabelos castanhos, olhos pretos, 1 metro e setenta e cinco de altura. Queria ser marinheiro, pois gostava imensamente do mar, como explicou. Chamava-se Marcílio Dias.

Imediatamente foi-lhe dada praça de grumete. Durante perto de seis meses, recebeu o jovem a instrução prevista nos Regulamentos do Corpo, que tinha como comandante, o capitão de Mar e Guerra Francisco Manuel Barroso, que tanto se destacaria, mais tarde, nas lutas contra um ditador em defesa da liberdade ameaçada.



A 18 de janeiro de 1856, Marcílio Dias embarcou no vapor «Teclito», de construção nacional, realizando diferentes viagens ao sul e ao norte do país, e secula aliás pelos navios «Paráenses» e «Constituintes», quando, neste último, a escola prática de artilharia que ali funcionava, conseguindo colocar-se entre os quinze alunos aprovados numa turma de 51.

Transferido para a fragata «Parnaíba», ali se apresentou a 29 de dezembro de 1863, recebendo, pouco mais tarde, a sua promoção a marinheiro de 1ª classe, graduação com a qual participou da memorável tomada de Paissandu, em 1865, feito admirável do grande almirante que foi o Marquês de Tamandaré, bravo, leal, admirável vulto de nossa História.

CONTINUA NA 32 DE CAPA

**Quadros Brasileiros**

de  
Renato Silva

Sérgio D. T. Macedo

# Marcílio Dias

\*\*\*



11 de junho de 1865. A «Parnaíba» e os demais navios que compõem a força naval brasileira em operações contra o ditador do Paraguai, Solano Lopez, navega em águas de Riachuelo. O relógio de bordo marca 9 horas e 30 minutos, quando o «Mercurio», navio da vanguarda içá no longo mastro o sinal de «inimigo à vista».

Logo a seguir outro sinal sobe: «preparar para combate». Vinte e cinco minutos mais tarde, são feitos os primeiros disparos. Prolonga-se o combate. Por volta do meio-dia, Riachuelo é um verdadeiro inferno. Há fogo e fumo por todos os lados. As águas do rio estão rubras, ouvem-se gritos, imprecações, fortes gemidos.



Todos se batem galhardamente. Súbito, a fragata «Fiquinhonha» encalha num dos muitos bancos de areia do canal. Em seu socorro avança a «Parnaíba» que bate com o leme em outro banco. Cheve, então, sobre a fragata o logo adversário. Os paraguaios atiram-se ferozmente contra a «Parnaíba», assaltam-na, invadem-na.



Em pouco luta-se corpo a corpo, no convés. Os brasileiros estão em minoria, mas lutam com raro denodo. Ferido várias vezes, sem uma das mãos, Marcílio Dias luta desesperadamente. Mas a vitória não tardaria a sorrir aos brasileiros. Apenas Marcílio Dias não a contemplaria: dera sua vida pela pátria que estremecia!

CONCLUSÃO DA 2º DE CAPA

FIM

Assim, as revistas juvenis voltadas às histórias em quadrinhos também tiveram seu papel essencial na divulgação e reedificação do panteão dos heróis nacionais. Articuladas aos vários projetos estatais de difusão de princípios morais e cívicos em meio à juventude, tais publicações não pouparam esforços para promover tais preceitos, fosse a partir da pressão governamental, como à época do ditatorial Estado Novo, fosse por um engajamento para com as propostas educacionais governativas. Além disso, havia a perspectiva da valorização dos “feitos militares”, tendo em vista o contexto da II Guerra Mundial, da qual o Brasil participou, e mesmo depois, no contexto do pós-guerra e a rearticulação de forças no cenário internacional, prevalecendo o clima de beligerância da denominada Guerra Fria.

Nessa conjuntura de valorização dos heróis, o imperial marinheiro ganharia seu espaço, ao lado de tantos oficiais que predominavam naquele cenário de heroicização, muitos deles pertencentes aos quadros nobiliárquicos do Império. Ainda assim, o lugar social de Marcílio Dias não era levado em conta como uma questão de fundo, com o destaque para o fato de que seu ingresso na Armada, mais do que uma opção patriótica, servira para a busca de um meio de sobrevivência e, ainda que tênue, alguma possibilidade de ascensão social. Ao contrário, a condição social do marinheiro era observada apenas como um detalhe, uma vez que todo o enfoque ficava concentrado em suas ações consideradas como heroicas, as únicas que efetivamente, segundo a versão oficial e predominante nos meios governamentais, a qual seria assimilada pelas revistas,

lhe fariam render um lugar no rol dos “grandes homens” da nação brasileira.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)  
Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025



ISBN: 978-65-89557-39-5

9 7 8 6 5 8 9 5 5 7 3 9 5